



np

ANO X — 1988 — Nº 10/1 — NCR\$ 0,70

PARANÁ,
A ANTECIPAÇÃO
DO FUTURO

LOANDA REUNE
3 ESTADOS

PRESTÍGIO VOLTA ÀS
PRAIAS DO PARANÁ

Qual o primeiro porto brasileiro
aprovado no
“teste de investimento” do BID?

PARANAGUÁ

É com orgulho que anunciamos esta vitória. Nosso “Plano de Expansão e Melhoramentos”, a ser realizado até 1969, aplicará 11,9 milhões de dólares em dragagens, ampliações do cais geral e de combustíveis e construção de silos para cereais. O Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, aprovou nossos projetos e já contratou os financiamentos necessários à realização das obras. Este é o primeiro programa portuário financiado pelo BID no Brasil. É o segundo da América Latina. O esforço que estamos desenvolvendo é a resposta ao desafio de uma vasta região continental, ávida de progresso — incluindo a República do Paraguai, para a qual somos “porto livre”. Estamos orgulhosos. Estamos cumprindo um programa de governo — do Governo do Estado do Paraná, e do Governo Federal, através do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis do Ministério da Viação e Obras Públicas. E estamos realizando a nossa vocação geográfica de grande porto da região Extremo-Sul brasileira.

ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DE

PARANAGUÁ E ANTONINA

Paranaguá - Paraná
Escritório em Curitiba - Edifício ASA
Rua Voluntários da Pátria 475, 1º andar, sala 6,
fone 4-9010, ramal 76
Escritório em São Paulo - Rua Silveira
Martins, 53 - 7º and. - conj. 71 - fone 36-4296



Nêste número:

Destaques, 2

Janeiro: futebol e praias
foram os assuntos do mês, 4

As feiras vão chegar, 8

Congresso regional
une prefeitos em Loanda, 14

Japurá comemorou
três anos de progresso, 18

Carlos Jung: o retrato
do colunista mais lido, 21

A longa espera
da emancipação, 24

Política, 26

Governo do Paraná:
balanço de dois anos, 28

Loanda: o dinâmico
progresso de uma cidade, 38

Colonizadores do Norte
ganham título merecido, 46

A. A. de Assis, 56

CAPA — O reporter fotográfico Osvaldo Jansen, de "O Estado do Paraná", é o mais apaixonado pintor da beleza das praias paranaenses. Sua "Rollei" tem documentado, ano a ano, o progresso dos nossos balneários e em cada temporada Jansen aumenta a sua coleção — e a do jornal — de fotografias das mais belas "sereias" que povoam as nossas praias. Na capa, um flagrante da última temporada. E na página 5 tem mais.

np — NOVO PARANÁ: Publicação mensal de propriedade da Editora Norparaná. Escritório Central: CURITIBA — Rua do Rosário, 126 — Fone: 4-7162. LONDRINA: Encarregado — DANIEL GONÇALVES — Edifício Sábão — Conj. 106 — Fone: 125. MARINGÁ: Av. Getúlio Vargas, 265 — 6º andar — Conj. 609 — Fone: 1288 — C. Postal, 247. PARANAGUA: Encarregado — MAURICIO VITOR DE SOUZA — Edif. Hibirê — Conj. 1 — Aptº 6. SÃO PAULO: Rua Coronel Diogo, 506 — Casa 17 — Fone: 63-7870. Diretor Responsável: ARISTEU BRANDESPIM. Editor: M. CAVALCANTI. Supervisão Técnica: AGÊNCIA DE ASSESSORAMENTO TÉCNICO. A direção não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados, nem devolve originais quer sejam ou não publicados.

Estados Versus União Federal

O sistema CODESUL-BRDE, de um lado, e a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí, de outro lado, estão se constituindo, ao que parece, em sobrevivências de um federalismo que, não mais encontrando bases estaduais, se agarram à idéia de resistir ao crescente centralismo da União, sob a forma de agrupamentos de Estados em organismos regionais, para fins de desenvolvimento.

Tudo indica, porém, que organismos desse tipo estão com seus dias contados.

Depois da criação da SUDENE, do SUDAM e mais recentemente da SUDESUL, que são também organismos regionais de desenvolvimento, mas sob o comando da União Federal, através do Ministério do Interior, os governadores de Estado não podem e não devem alimentar esperanças, ou melhor dizendo, não devem alimentar ilusões sobre a possibilidade de poderem eles comandar, da periferia, a ressurreição de um federalismo agonizante, para não dizer já morto e insepulto.

É preciso ser cego para não ver que as autonomias locais e estaduais estão passando por um processo doloroso de reformulação, na medida em que o Brasil deixa de ser um arquipélago autárquico e se unifica, pela quebra das «barreiras» interestaduais, que antes fazia de cada Estado uma «ilha» fiscal independente, pela unificação do mercado nacional, pelas rodovias nacionais pavimentadas, pela integração dos sistemas energéticos e de telecomunicações, pela instituição nos Estados da justiça federal e da polícia federal, sem falar em outros serviços, de exclusiva competência da União, ainda quando delegados, por convênios e acordos, aos Estados.

Nisto, que os federalistas mais exaltados talvez chamem de hipertrofia de poder ditatorial da União, não há abuso de autoridade pessoal, tantas vezes atribuída à vontade de mando do Presidente da República, mas sim a constatação de que, na verdade, o Brasil constitui hoje uma entidade política nacionalmente abrangente, que já pode pensar em termos orgânicos e no seu planejamento global, tal como ocorreu com os Estados Unidos, numa fase histórica do passado, equivalente à que estamos vivendo, quando afinal resolveram o penoso conflito de princípios entre jeffersonianos e hamiltonianos sobre os limites de competência dos Estados e os da União.

Se não temos um Jefferson ou um Hamilton, para nêles individualizar êsse difícil processo da luta do federal contra o nacional — embora Ruy Barbosa pudesse aproximar-se do primeiro e Francisco Campos do segundo, um exaltado como democrata e liberal e o outro como conservador e fascista — temos os fatos para nêles admitir, com humildade, um direito nôvo, contra o qual se rebelam as oligarquias estaduais.

Mas o tempo, que é o melhor conselheiro, se encarregará de mostrar aos incrédulos com quem está a razão.

Os que viverem, verão, para poderem testemunhar uma realidade inelutável.

SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA

DESTAQUES



Diversos atos sociais assinalaram o 24º ano de Apucarana. No almoço oferecido pela diretoria do Country aparecem à mesa a sra. Joaquim Pompeu de Pina Júnior, presidente do clube; o casal Saul Guimarães da Costa e o deputado Fabiano Braga Côrtes.

As cooperativas de leite de Curitiba, de Castro e Maringá desenvolvem campanha comum visando aumentar o consumo "per capita" do produto nos grandes centros. A produção leiteira no Estado aumentou em 200 milhões de litros, o que elevou a nossa participação na produção nacional a 6%, quando em 1960 era de apenas 3,8%. Manteiga saltou de 83 para 204 toneladas e queijo de 405 para 964 toneladas no período 1960 a 65. Isso decorre da campanha de renovação dos plantéis da Secretaria da Agricultura que continua sendo estimulada. ANIBAL BIANCHINI DA ROCHA, que já respondeu por aquela pasta e hoje dirige cooperativa leiteira em Maringá, é um dos líderes do movimento.

A tecnologia está cada vez mais a serviço da lei. A delegacia regional do Departamento de Polícia Federal, em Curitiba, recebeu equipamento de micro-ondas que permite comunicação em menos de dois segundos com cidades tão distantes como Belém do Pará. E o que é mais importante: o equipamento é inteiramente nacional.

D. MANOEL D'ELBOUX completou mais um aniversário dia 29 de fevereiro. Talvez por hábito, recusou-se a receber qualquer homenagem — e nem sequer se achava em Curitiba naquela data. É que além de sua natural modéstia, o arcebispo de Curitiba só faz aniversário de quatro em quatro anos.

Amigos do senador NEY BRAGA interpretaram o resultado da eleição na Assembleia como uma vitória para ele. Afirmam que o simples fato de ter conseguido o apoio do MDB e de dividir a Arena já é mais do que ele próprio esperava. Entretanto, seus adversários afirmam que o senador poderia ter passado o Carnaval cuidando de descansar, em vez de ficar em casa articulando o esquema derrotado.

Enquanto isso, o deputado LEO DE ALMEIDA NEVES continua afirmando que é candidato ao governo estadual em 1970. Acredita que se persistir a luta entre o governador Paulo Pimentel e o senador Ney Braga, ele será o único candidato que Paulo encontrará para enfrentar seu forte adversário no próximo pleito.

Por excesso de afazeres na Chefia da Casa Civil do Governador Paulo Pimentel e, mais do que isso, pelas incompatibilidades que lhe cria a função de Presidente do Conselho de Relações Públicas do Governo do Estado, o jornalista SAMUEL GUIMARAES DA COSTA deixou o cargo de Redator-Chefe desta revista. Contudo, não se afastará das páginas de NP-NOVO PARANÁ, continuando como seu colaborador, tendo em vista, inclusive, a série de artigos que vem publicando sobre a história política do Paraná.

VALMOR GIAVARINA, impressionado com a valorização do prefeito na atual conjuntura, quer trocar o seu mandato parlamentar pelo risco da disputa prefetural de Apucarana. Acha que vai entrar com possibilidades largas, raciocinando: "na última eleição tive 54% dos votos e embora integrando o grupo oposicionista, do qual fui inclusive líder na Assembleia, tenho quebrado lanças pela região." Giavarina tem como certa a vitória, acrescentando que as previsões que mandou fazer lhe dão vantagem de 70%.

CARLOS ALBERTO MORO, bom goleiro voador, é também compositor e cantor de música popular. Em homenagem que recebeu na churrascaria "Quero Quero", o secretário da Educação cantou várias de sua autoria, inclusive um samba de breque. Fazia tempo que o jovem secretário não fazia higiene mental, isso porque sua única recreação é ir ver o Coritiba jogar e como a vitória só aparece em tardes de gala o negócio vira sofrimento.

Numa noite no Santa Mônica em que havia confraternização de jornalistas e deputados, ROBERTO WIPYCH foi o dono da festa com apresentação de números de magia. Enquanto trabalhou com cartas de baralho não foi nada, mas ao conseguir reter o líquido de uma garrafa de Coca-Cola destampada mostrou que estreava como mágico parlamentar revogando a lei da gravidade. Porisso mesmo seria disputadíssimo, segundo ANIBAL KHOURY e ERONDY SILVERIO, para escrutinador chefe nas eleições da Mesa.

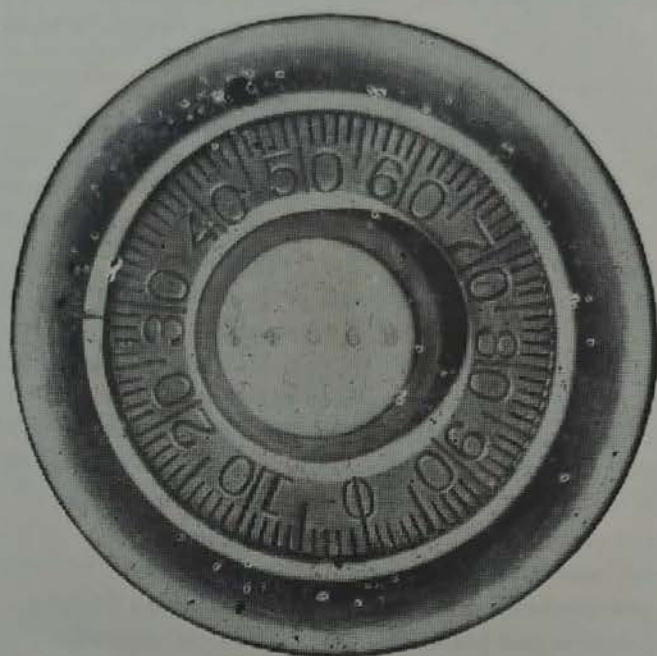
EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE LONDRINA

Realiza-se em Londrina de 15 a 21 de abril próximo, a V Exposição Agro-Pecuária e Industrial — segunda de âmbito nacional, promovida pela Sociedade Rural do Norte do Paraná. A mostra que registra o maior número de inscrições até hoje alcançado, apresenta predominância de bovinos, não obstante o grande número de reprodutores suínos, equinos caprinos, ovínos e muare, inscritos.

O certame oferecerá nos diversos pavilhões da Feira, um panorama geral do que melhor se produz no campo da agricultura, avicultura, apicultura e cunicultura, além da grande mostra do nosso parque industrial.

Paralelamente, realiza-se a Feira do Café, com a eleição da Rainha do Café, para o que a área da Exposição está sendo ampliada para 6 alqueires, com a construção de novos "stands" e pavilhões destinados a abrigar a todos com absoluto conforto.

A V Exposição Agro-Pecuária de Londrina será inaugurada pelo presidente da República e contará ainda com a presença de altas autoridades federais e estaduais.



nosso
maior
capital:
confiança

Confiança depositada por um número crescente de correntistas que têm certeza de que o Banco do Estado do Paraná exercerá o mais escrupuloso zelo na aplicação de seus haveres, além de se esmerar no atendimento eficiente, rápido e cortês.



**Banco do Estado
do Paraná s/a**



JANEIRO:

futebol dá guerra de secessão

Texto de LUIS G. MAZZA

Aos poucos a ilusão de que 1968 seria um ano luminoso foi se chocando com a realidade: o custo de vida em todo o mês subiu mais 3,8%. De janeiro de 1967 a janeiro de 1968 precisamente 24,41% em estatísticas oficiais. Já a maioria do povo, notadamente os setores mais sofridos, tem opinião diversa: acham que subiu muito mais. Para compensar o ministro do Trabalho anunciou o «desarrocho» salarial que será naturalmente em ritmo lento e para daqui alguns meses. Favelas em Curitiba aumentavam, em Londrina e Maringá idem. Nem tudo, porém, era pessimista: o governador do Estado, como sempre transpirando otimismo e sorridente, inaugurava a estrada do Xisto. Na praia o movimento desmentia crise e cerca de 30 mil turistas visitavam Curitiba entre dezembro e janeiro. Já no interior, o tempo era mesmo de recessão, queda nos negócios, paralisação de investimentos. E o que mais agitava todo o Estado de ponta a ponta, não era nada de crise, mas o problema do Atlético Paranaense que ganhava mil apoios para não sair da Divisão Especial de Futebol e garantir a sua presença com o laudo da comissão que julgou o Estádio do Paranaíba sem condições. Quase que a onda futebolística acabou colocando alguns políticos na área do penalti, com ambas as facções agindo de maneira desenvolta e usando até argumentos de jogo de pôquer, como aquele grito de guerra de secessão que felizmente deu em nada. Nada disso impedia a corrida do tempo e um verdadeiro recorde de suicídios e tentativas que assombrava Curitiba com o psiquiatra Napoleão Teixeira apontando a causa do «mal de Natal», no balanço que as pessoas fizeram dos seus feitos e de suas frustrações. Nossos cavalos viravam mito em todo o país, ante o feito de Giant ao ganhar a tríplice coroa. Novas vitórias viriam a seguir, mas o surgimento de uma virose infecciosa atacava todos os centros criadores e no Paraná vários animais eram sacrificados. No Vietnã o sangue continuava a escorrer. E nas nossas quermesses, teimosamente chamadas de Festa da Uva, escorria vinho.



OESTE E NOROESTE QUEBRAM ISOLAMENTO

Cianorte, Goio-Ere, Paranaíba e Umuarama já se comunicam através da linha telefônica de emergência. Em idêntica situação Paranaíba, Marechal Rondon, Nova Londrina, Loanda, Ivaiporã e Coronel Vivida. A rede de emergência da Telepar progride assim como já ocorrera no oeste e sudoeste. Afora os investimentos da Telepar, os municípios participaram ativamente respondendo pela construção. Foi o que ocorreu em Umuarama, onde a comunidade, em campanha orientada por clube de serviço, e a Prefeitura uniram seus esforços para as obras indispensáveis.



COOPERAÇÃO ABRE ESTRADAS

O ataque conjugado de obras pelas prefeituras interessadas — o que é feito num ritmo consagrado, graças ao ICM —, permite que a região do vale do Piquiri assista um progresso sem precedentes no setor de serviços públicos. A ponte sobre o rio Alívio (foto à esquerda), etapa da estrada que liga Formosa a Assis Chateaubriand, atacada pelas duas prefeituras, é um documento dessa ação conjunta. As duas administrações gastarão em convênio 12 mil cruzeiros novos.

CADA VEZ MAIS PARANAENSES AS PRAIAS

Fotos OSVALDO JANSEN
do «Estado do Paraná»

Em janeiro já havia colapso nas praias paranaenses, apesar da incontrolada evasão para Santa Catarina e São Paulo. Mais de 30 mil pessoas, hotéis e pensões lotados, poucas disponibilidades de casas para alugar, ferry boat não dando escoamento ao tráfego na baía de Guaratuba, falta de água, abastecimento escasso e em consequência caro. As promoções do Iate Clube de Guaratuba imperando em toda a orla e atraindo gente de outros Estados. Mais dois acontecimentos funestos abalariam a praia: o assassinato do empresário Normann Prochet, pelo vice-prefeito de Londrina, Gilberto Santos e a morte accidental do médico pediatra Raul Carneiro. Matinhos, através do sub-prefeito Jorge Tramujas, entrou de sola

na onda promocional e fez marola em torno do seu Carnaval, principalmente da 2ª feira, já que Paranaguá queria tirar sua casquinha nos outros dias. De tudo o que se viu, porém, em Calobá, Praia de Leste e outros pontos da orla — inclusive a Ilha do Mel, que está sendo loteada — o que se sentiu é que já há mais integração nas férias com o grande número de paranaenses do norte, oeste e sudoeste que fixaram interesse nos nossos balneários. E havia tanta mulher bonita que enquanto o jornal associado «Diário do Paraná» elegia a rainha das praias, «O Estado do Paraná» apontava a «Garôta Brejatuba» e em seguida a «Garôta Matinhos». O que afinal é uma agradável maneira de compensar as deficiências da praia.



Bernadete Souza Camargo, "1ª Garôta Matinhos"

"2ª Garôta de Brejatuba" e outros "brotos" em Guaratuba.





BARRACÃO DE COMPENSADO, TRADIÇÃO DO PARANÁ

Cresce de intensidade, ainda mais a essa época do ano, a migração dos "volantes" da lavoura: são milhares de pessoas em contínuos deslocamentos das áreas de produção para as cidades em busca de assistência médica e emprego. Isso aumenta o contingente de favelados. Na Capital a situação é desalentadora, a despeito do que já se fez em política habitacional no conjunto Pilarzinho e na Vila N. Sra. da Luz. Até aí o favelado lembra o "volante": não fica na casa porque não pode pagar o aluguel e reconstrói, se ainda houver lugar, o seu casebre na favela de onde veio, caso contrário vai para outra mais longe. Há bairros sitiados por favelas em Curitiba: Vila Guaira, Conjunto João Gualberto (Juvepê), Vila Pinto. As tais comissões de controle para impedir o alastramento dos barracos não funcionam

e a demagogia se nutre da miséria com políticos. Não existe qualquer providência, séria, de profundidade, a médio ou a longo prazo, para enfrentar o problema. A convivência em guetos — quer os das favelas como os dos conjuntos residenciais — parece não ser satisfatória, pois os atritos são frequentes com violência e sangue, criando problemas de segurança (crimes, roubos, rixas). Um absurdo é a existência de contribuintes de institutos de previdência em grande número nesses núcleos sem que se tenha feito qualquer coisa para livrá-los de tal situação. Um detalhe diferencia desde logo a favela curitibana (e paranaense) da carioca: aqui nem se cogita de cantar o barracão de zinco, pois o que predomina é a armação de compensado, uma caricatura de arquitetura japonesa.



Luis Bosso, prefeito e Antonio Hilário Monteiro, presidente da Câmara de Iporã.

ICM: TÔDA A VIGILANCIA É POUCA

O prefeito Luis Bosso, de Iporã, é um homem completamente engajado nos ideais do municipalismo. Dirigente da Associação dos Municípios do Paraná, entende que a batalha do ICM não está ainda ganha e que seja qual for o seu resultado os municípios devem se unir para manter a vigilância necessária. «E' uma questão de sobrevivência de todos e não um gesto de generosidade a união» — disse, lembrando a campanha do ICM. O presidente da Câmara, vereador Antonio Hilário Monteiro, é também entusiasta dessas teses e julga que um município como o de Iporã só se mostra maduro quando suas decisões estão sintonizadas com os problemas comuns da região e do municipalismo em geral.

MARILUZ, O CHÃO DAS CRIANÇAS

Em dia de parada é que o homem do interior tem a noção exata de como a sua cidade cresce, mórmente no desfile escolar. Muita gente se surpreendeu na última passeata de Mariluz com a massa escolar. O fenômeno explicou porque o prefeito Ramiro Rojo Souto deu tanta prioridade ao ensino, ao desencadear uma operação de emergência que tornou possível construir em tempo récorde 25 grupos e casas escolares. Já tem, segundo o Censo, 10 mil escolares, porisso a Prefeitura, este ano, ao lado de seu rush no setor viação, pretende continuar a atender a educação com o mesmo carinho.



DORVAL À FRENTE E BELINI ATRAS PARA EVITAR PAPELÃO

Por causa de futebol, quase sai uma guerra de secessão no Paraná, dividindo norte e sul. Tudo começou quando o Atlético Paranaense, sob a regência de Jofre Cabral Silva, entrou rijo na luta para manter-se na Especial. O outro Atlético, o de Paranavai, jamais poderia imaginar que aquela onda estouraria em cima dele. Mas isso aconteceu: a comissão técnica ao vistoriar o Estádio do representante do noroeste negou-lhe condições de enquadramento no que exige o regulamento. Foi o estopim: deputados, que já haviam mostrado simpatias pelo Atlético da Capital, inclusive interferindo abertamente por sua permanência, começaram a perder eleitorado no norte e noroeste quando se soube que a equipe interiorana seria sacrificada. Tentou-se, inclusive, envolver o governador do Estado na guerrinha. Jornais e emissoras de televisão e rádio cantaram em prosa e verso um festival de mau gosto, com apaixonadas incursões pelo terreno da pior demagogia como a da seção do Paraná por causa de uma bola de couro e o revide de que os seccionistas seriam incursos na Lei de Segurança Nacional. Felizmente houve uma solução de opereta — já

que não havia outra para o caso — com 14 clubes e para compensar a entrada do Atlético de Paranavai, que vencera a luta na cancha, abriu-se uma vaga para vários clubes disputarem, o que restabelece, numericamente, o equilíbrio norte e sul. Haverá o descenso do pior colocado de cada região, pelo menos é o que está nos regulamentos.

Mas para todo o mundo a lição que o Atlético Paranaense sofreu foi proveitosa. A sua vergonhosa apresentação no ano passado acabrunhou seus torcedores que só voltaram a pensar em futebol quando Jofre Cabral começou a fazer das suas, vestindo com a camisa do rubro-negro vá-

rios bi-campeões do mundo num jogo amistoso com a seleção rumena. A jogada promoveu tanto o Atlético que dois campeões acabaram ficando por aqui: Dorval e Belini. O futebol paranaense, em vista dessa movimentação, passou a ser comentado como nunca em todo o país. Isso reabilita o time da raça, mas não apaga essa má impressão causada pela manobra de sorte que o manteve na Especial. Aliás para recuperar a imagem do Atlético de tantas façanhas, o furacão, o clube da raça, é preciso fazer muito. Principalmente junto à torcida do norte que ainda não se conformou, embora a ida dos bi-campeões já tenha melhorado a marca rubro-negra.



MESA REDONDA DE CÓCORAS

De repente, no meio da estrada que liga Jesuitas a Formosa D'Oeste, a reportagem de NP encontrou um grupo de pessoas tomando sombra de um milharal e discutindo o encaminhamento de reivindicações ao governo estadual. Quem mais ouvia era o deputado Fuad Nacii, que registrava dados sobre as estradas Iracema-Nova Aurora-Assis Chateaubriand; Carajá-Palmitópolis-Cascavel e Palmitópolis-Nova Aurora. Quem mais falava era o vereador à Câmara de Formosa Valmor Cattanio. Participava ainda da «mesa redonda de cócoras» o fazendeiro Sérgio Pareja.



A entrega solene dos prêmios.

APUCARANA FAZ TAMBÉM A SUA «SÃO SILVESTRE»

O 24º aniversário de Apucarana foi marcado por uma série de acontecimentos excepcionais como a realização da já tradicional «Prova Pedestre 28 de janeiro» (a sexta) disputada por centenas de atletas de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Guanabara. A prova, disputada na distância de 10 mil metros, é considerada a «São Silvestre» do Paraná e foi vencida pelo atleta paulista Luiz Fernando Caetano, da Força Pública, com o tempo de 30,37 mi-

nutos, seguido dos paulistas Benedito Dias de Oliveira e Daniel Teixeira Braga. Por sinal que até o sétimo lugar só deu paulista e o oitavo foi Ageu de Castro da Polícia Militar do Paraná. Essa extraordinária promoção arrastou milhares de assistentes e os troféus foram entregues por homens ligados ao desporto de São Paulo como Aurélio Belotti, de «A Gazeta Esportiva», e pelo deputado Fabiano Braga Cortes.



ESTÃO CHEGANDO AS FEIRAS

Agora faltam só poucos dias. Na Secretaria da Agricultura, uma equipe de técnicos — veterinários, em sua maioria — sabe disso, e, a cada instante, a tensão aumenta. Na verdade, quase tudo já está pronto, muito embora certos detalhes ainda não tenham sido acertados. O que sucede é que o secretário da Agricultura, Oscar Felipe Amaral, já disse que não admite desculpas: dia 14 de março o Parque «Presidente Castelo Branco» tem de estar em plena forma — calçamento pronto, pavilhões reformados, estandes preparados, tudo, enfim, na mais perfeita ordem. E isso porque nesse dia (e na semana que se seguirá) milhares de pessoas — cada uma delas um crítico em potencial — visitarão o local para ver como estão a 2ª Exposição-Feira «Governador Paulo Pimentel» e a 4ª Exposição-Feira de Animais e Produtos Derivados.

A qualidade dos plantéis paranaenses foi melhorando gradativamente no decorrer dos últimos anos, até atingir o ponto atual. Criadores de todos os Estados brasileiros ficaram impressionados com o refinamento dos produtos apresentados durante a primeira Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel", realizada no ano passado. E agora deve melhorar mais.





Olha o boi! De ano para ano é maior o amor dos paranaenses pelos animais que hoje representam um dos itens mais importantes de sua produção agropecuária. O exemplo foi dado no ano que passou, quando um zebu foi montado por um peão e seu filho.

A preocupação que cerca este ano os preparativos das exposições é perfeitamente justificável: servirão elas para demonstrar até que ponto teve êxito o programa desenvolvido pela Secretaria da Agricultura, no tocante à elevação dos padrões zootécnicos dos rebanhos.

Esse programa vinha sendo aplicado desde que Paulo Pimentel, em 1961, assumiu a chefia da Pasta. Desencadeado em todo o Interior do Estado, e, com especial vigor, nas regiões do Norte, Sul e Sudoeste onde se fixam os principais centros criacionais paranaenses, abrangeu um complexo de medidas de amparo e incentivo aos produtores, sobretudo quanto à bovinocultura e à suinocultura.

Dessa forma, milhares de reprodutores e matrizes foram distribuídos

gratuitamente pelo Governo aos pecuaristas, com o propósito de estabelecer as condições ideais para a gradual melhoria dos padrões raciais. Só em 1967, foram distribuídos 1.014 touros, num total de 65 municípios, e 1.300 suínos, em 47 municípios, o que implicou na aplicação de vultosos investimentos, pois todos os exemplares eram da melhor qualidade, importados de zonas produtoras reconhecidamente idôneas.

Paralelamente, a Secretaria da Agricultura intensificou campanhas de vacinação, oferecendo, através dos postos do Fundo de Equipamento Agropecuário — que existem em todo o Interior — antídotos da melhor procedência, a baixo custo. A campanha contra a febre aftosa, por exemplo, está sendo executada em convênio

com o Ministério da Agricultura e já conseguiu imunizar contra o vírus rebanhos bovinos de uma vasta região do Norte e Noroeste.

Também foi dada ênfase à assistência direta aos criadores: os veterinários da Secretaria não mais ficaram nos postos rurais, à espera de que os criadores fossem até lá discutir seus problemas; passaram a percorrer diariamente as fazendas, examinando os rebanhos e proporcionando aos proprietários orientação técnica.

Os resultados dessa atividade já se fazem sentir, traduzindo-se, principalmente, numa maior confiança do pecuarista com relação ao Governo do Estado. Um antigo veterinário da Secretaria da Agricultura conta que, antigamente, o criador tinha «um verdadeiro pavor» de recorrer aos postos

rurais para solicitar auxílio ou, simplesmente, aconselhar-se com os técnicos.

«Hoje — acrescenta — a situação mudou muito. Embora em certas regiões essa governofobia ainda exista, a quase totalidade dos criadores visita periodicamente os postos, solicitando a presença de veterinários em suas fazendas, discutindo métodos de trabalho e se manifestando sensíveis aos novos processos que surgem».

E a veracidade da afirmação é comprovada pelos números. Até pouco tempo, a inseminação artificial era processo de fecundação completamente desconhecido no Interior do Estado. No ano passado, somente a Secretaria da Agricultura procedeu a milhares de inseminações no Interior, tendo o Ministério da Agricultura feito outro tanto.

Esse espírito novo que predomina entre o produtor paraense foi constatado pelo presidente da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, sr. Eliseu Resende, que há poucos meses esteve no Estado, impressionando-se com a receptividade dos criadores que visitou com relação aos modernos métodos de trabalho, «cujas adoções até

em Minas, centro pecuário bem mais tradicional, somente tem ocorrido depois de muitas resistências».

«Se as coisas prosseguirem assim — vaticinou — o Paraná, que já conta com um dos maiores rebanhos bovinos e suínos do País, estará, dentro em breve, exportando reprodutores e matrizes de raça para Minas Gerais e Rio Grande do Sul».

Por outro lado, a despeito da bovinocultura e suinocultura constituírem os suportes básicos da pecuária estadual, outros setores têm merecido as atenções do Governo, como é o caso da avicultura. No Parque «Presidente Castelo Branco» está sendo construído um aviário gigante que, ainda

no primeiro semestre deste ano, entrará em funcionamento. Produzirá um total de 100 mil pintainhos de raça por mês, para serem distribuídos entre os produtores.

Ao mesmo tempo, enquanto aproximam-se de seu final as experimentações visando a radicação do búfalo no Litoral, evoluem as pesquisas tendentes a determinar os espécimes de peixes mais adaptáveis a cada região do Estado, dentro do plano de fomento à piscicultura, que, numa etapa posterior, liberará recursos para a instalação de poços de criação nas propriedades rurais, com o objetivo de oferecer ao homem do campo uma nova opção alimentar.

EXPOSIÇÃO, UM COMPLEMENTO

A primeira exposição-feira foi em março de 1964. Paulo Pimentel, que ocupava, na época, a função de secretário da Agricultura, idealizou o certame como um complemento do programa que vinha desdobrando na Pasta, tendo em mira fixar em termos cada vez mais sólidos as bases do

desenvolvimento da pecuária estadual.

Hoje, apesar de já estarmos às vésperas da quarta exposição, muita gente ainda não sabe e costuma fazer a pergunta que os funcionários da Secretaria da Agricultura estão cansados de ouvir: «Exposição-feira faz a pecuária melhorar?».

Os animais premiados na exposição que se inicia deverão ter características ainda superiores às do ano passado. Isto porque os técnicos da Secretaria de Agricultura percorreram quase todos os Estados brasileiros, procurando o que há de melhor para a mostra.



«Faz sim senhor, e muito» — é a resposta habitual. E tanto faz que o Governo do Estado, comprovando os excelentes resultados práticos das mostras, não só fez questão absoluta de realizá-las anualmente, como, ainda, vem procurando conferir-lhes uma dimensão sempre maior.

Em primeiro lugar, a exposição é, para os criadores, uma ótima oportunidade de manterem contatos com técnicos de todo o País, certificando-se de tudo o que se efetua em outras regiões para o aperfeiçoamento dos plantéis. Esses contatos são de importância vital, especialmente tendo-se em vista que o pecuarista, via de regra, vive isolado dos grandes centros urbanos e é pouco atingido pelos meios tradicionais de comunicação, sendo-lhe, portanto, difícil acompanhar a evolução dos métodos e técnicas.

Para ele a exposição representa também uma perspectiva de bons negócios. É natural que quem produza deseje vender. Nas exposições concentram-se os melhores reprodutores e matrizes, motivando uma grande afluência de compradores. Face a isso, o Governo — com o intuito de estimular tais transações — abre numerosas facilidades, isentando, inclusive, do pagamento de impostos as transações procedidas no recinto das mostras.

Há, ademais, a questão do financiamento. Este ano, a Secretaria da Agricultura vai levar para o Parque «Presidente Castelo Branco» agências de diversos bancos oficiais e particulares — o Banco do Brasil, o Banco do Estado do Paraná, o Banco Comercial do Paraná, entre outros —, que irão oferecer aos produtores crédito sem burocracia e a juros baixos. Para conseguí-lo, bastará a apresentação do cadastro bancário.

As exposições despertam também o espírito competitivo entre os criadores. Apresentar animais melhores do que os demais expositores é questão de honra para muitos. Há casos de pecuaristas que ficam anos e anos preparando um reprodutor para levá-lo a uma exposição, pelo prazer de ganhar uma taça ou medalha e ver a cara de inveja de seus colegas.

SEGUE

As demonstrações de habilidade no trato com os animais — rodeios, montas, etc. — constituem uma das principais atrações da Exposição-Feira que está para ser instalada no Parque Castelo Branco, na Granja do Canguiri.



COMO VAI SER

Nas exposições deste ano, serão apresentados 1.488 animais, procedentes de sete Estados da Federação (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Goiás) e distribuídos pelas seções de bovinos, suínos, ovinos, caprinos, bubalinos, muars e equinos. Haverá, não obstante, seções especiais para a avicultura, cunicultura e apicultura.

Um fato novo observou-se: enquanto, nas mostras anteriores, predominavam, em quantidade, as inscrições de animais do Paraná, neste ano os outros Estados tomaram a dianteira, participando com 60% dos exemplares a serem expostos. O fenômeno é

encarado pela Secretaria da Agricultura como uma comprovação do crescente prestígio das exposições paranaenses nos maiores centros produtores do País.

Os técnicos que percorreram outros Estados e o Interior paranaense recolhendo inscrições são unânimes em afirmar que a qualidade dos animais que virão este ano é muito superior ao nível observado nas três primeiras mostras. Isso significa que deverá ser atingido um dos objetivos fundamentais dos certames, que é o de «oferecer uma imagem tão exata quanto possível da situação em que se encontra a pecuária brasileira».

Os animais serão apresentados nos treze grandes pavilhões do Parque

«Presidente Castelo Branco», que foram submetidos a diversas reformas e ampliações, a fim de que se alcançasse condições sanitárias perfeitas. Dias 12 e 13 de março serão realizados os julgamentos de classificação, quando a comissão premiará os melhores exemplares participantes. Conseguir uma medalha é, aliás, algo pelo que torcem muito os proprietários, pois elas significam sempre preços mais elevados quando chegar a hora dos leilões.

No dia 14, logo após a inauguração, a ter lugar pela manhã, os animais vencedores irão desfilar no picadeiro central perante o público. As exposições, só então, estarão oficialmente abertas.

A mecanização rural permitiu a implantação de novos tipos de gramíneas destinadas à alimentação dos plantéis. O resultado foi o aumento do número de cabeças por alqueire de terra e seu crescimento mais rápido.





Este ano, são centenas os criadores de todo o País que fizeram questão de estar presentes à 2ª Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel".

900 MIL ASSISTEM

A comissão organizadora das exposições-feiras não faz por menos: entre 14 e 26 de março (período durante o qual estarão funcionando) serão visitadas por 900 mil pessoas. A princípio, o cálculo pode parecer exagerado. Mas, na realidade, não é. Quem foi às mostras do ano passado sabe disso. Basta ver que a fila de automóveis que se dirigiam para lá iniciava no centro de Curitiba e terminava defronte aos portões de entrada do parque.

A fim de que os visitantes tenham um máximo de conforto, o Parque Castelo Branco foi submetido a novas modificações e melhorias. Agora, toda a área interna está calçada, novas lanchonetes foram instaladas, o restaurante foi melhorado e, na parte externa, existe uma área especial para o estacionamento de veículos.

Vão funcionar — além do restaurante — um total de 48 lanchonetes, centenas de estandes e pequenas barracas para a venda de lembranças das exposições. Um parque de diversões — com roda-gigante e trem-fantasma, entre outras coisas — está sendo montado. E virá também um circo de verdade, com palhaços, malabaristas e trapezistas.

Por outro lado, a gente miúda terá no centro de recreação infantil-juvenil o seu ponto maior de atração. Ali funcionarão o mini-autódromo, a cancha de patinação, o campo de golf e a roda-gigante mirim. Para as crianças, haverá ainda sessões diárias de um teatrinho de fantoches.

Entretanto, o forte mesmo será o conjunto de atrações a ser exibido no picadeiro central, ininterruptamente, das 10 às 23 horas. Serão apresentados espetáculos de grupos folclóri-

cos, touradas, domas, rodeios, demonstrações de cães amestrados, torneios hípicos, bandas militares e fanfarras estudantis.

Artistas de projeção nacional estão sendo contratados pela Secretaria da Agricultura para se apresentarem no parque, como é o caso de Roberto Carlos, vencedor do Festival Internacional da Música de San Remo, Martinha, Agnaldo Rayol, Wanderléia, Chico Buarque de Holanda e Jair Rodrigues. Eles farão suas exhibições de plataformas móveis a serem instaladas no picadeiro central.

E, nisso tudo, o detalhe importante é este: todos os espetáculos serão ofe-

recidos gratuitamente. Basta ir para ver. Além do mais, os preços do restaurante e das lanchonetes serão — a exemplo do que já aconteceu no ano anterior — tabelados pela comissão organizadora, que colocará fiscais com a missão de evitarem a prática de abusos no setor.

Funcionará também no parque um pronto socorro, com médicos e enfermeiras a postos para atender a qualquer caso de emergência.

Aos que não moram em Curitiba e pretendem vir assistir as exposições, um conselho é bom: venham logo, pois, em março, ninguém garante vaga nos hotéis.

As exposições-feiras anuais já fazem parte do calendário anual dos criadores e o orgulho de ter um animal premiado se estende aos filhos e familiares.



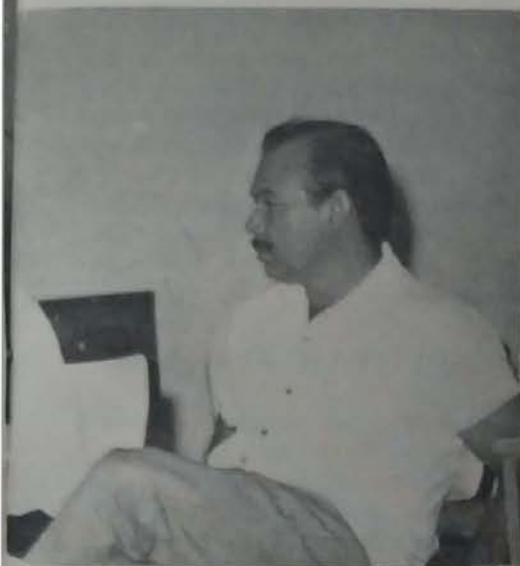


A mesa que presidiu o conclave, integrada por representantes de toda região, e que contou com a participação do deputado federal Hamilton Vilela Magalhães e do deputado estadual Benedito Pinto Dias.

A população ribeirinha da região comum ao noroeste paranaense, sul de Mato Grosso e Alta Sorocabana está vivendo horas amargas com a decisão governamental que esvaziou o Serviço da Navegação da Bacia do Prata, ao mandar vender o acêrvo já precário da empresa no Alto Paraná. Esse foi o tema-chave da reunião recente em Loanda de prefeitos e vereadores de 3 Estados. Outro assunto, destacadíssimo, foi a perda do caráter prioritário que se emprestava até o ano passado às ligações rodoviárias entre Paraná e Mato Grosso. Alarmados com o agravamento dos problemas sociais e econômicos — que tais medidas determinam — dezenas de prefeitos interessados firmaram o

PACTO DE LOANDA

PARA SALVAR 3 ESTADOS



O plenário da reunião, sempre atento às teses debatidas, participou de todos os trabalhos.

Prefeitos do noroeste paranaense, sul de Mato Grosso e Alta Sorocabana reuniram-se em Loanda para o debate de problemas comuns à região. O pedido de manutenção da prioridade para a BR 376 no Ministério dos Transportes retirada há pouco pelo Decreto nº 61.594, quando faltam 100 quilômetros para atingir a fronteira Paraná—Mato Grosso — foi o assunto dominante, mas teve relêvo também o protesto contra a paralisação das atividades do Serviço de Navegação da Bacia do Prata no Alto Paraná. Memoriais foram encaminhados em ambos os casos às autoridades da República e dois deputados estaduais (Pinto Dias e Alencar Furtado) e um federal (Hamilton Magalhães) acompanharam o conclave, devendo fazer depoimento a respeito.

A argumentação em ambos os assuntos citados é óbvia: a paralisação da Estrada e dos serviços hidroviários estrangulam ainda mais a economia dessa região, abalada também no setor ferroviário, onde se luta pelo prosseguimento das obras do ramal de Dourados pela Estrada Sorocabana.

O congresso, presidido pelo prefeito Watal Ishibashi, de Presidente Prudente e que teve seu grande coordenador no prefeito Francisco de Assiz Pinheiro, de Loanda, aprovou ainda recomendações pleiteando prioridades para a BR 158 e BR 19,

cais de Pôrto Rico, pôsto do IBC para faturamento de cafés no noroeste paranaense, assistência do INPS em todos os municípios da região comum, etc.

Participaram do encontro representantes das cidades de Nova Andradina, Amambai, Dourados, Capraó, Navirai e Bataiporã (Mato Grosso); Teodoro Sampaio, Presidente Epitácio, Presidente Prudente e Presidente Wenceslau (São Paulo) e Amaporã, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí, Nova Londrina, São Pedro do Paraná, Pôrto Rico, Querência do Norte, Itauna do Sul, Astorga e Loanda (Paraná). Outra questão, a que se deu muito realce já num âmbito mais local, foi a referente ao pedido da ligação ao DER entre Nova Esperança—Astorga—Rolândia.

PROLONGAMENTO DA FERROVIA

A necessidade do prolongamento do ramal de Dourados, da Estrada de Ferro Sorocabana, foi outra reivindicação dos prefeitos.

Os participantes concordaram que a penetração da Estrada de Ferro Sorocabana, através do traçado Presidente Prudente—Dourados—Ponta Porã, significa um instrumento de integração nacional e será um veículo importante para o desenvolvimento de toda a região. Os trilhos

do ramal encontram-se em Euclides da Cunha, em território paulista, faltando 51 quilômetros para que atinjam Rosana, nas barrancas do rio Paraná.

Os trabalhos de terraplenagem até as margens do rio estão praticamente concluídos e a Sorocabana deverá investir aproximadamente cinco milhões de cruzeiros novos para concluir esses serviços, além de construir as estações e assentar os trilhos.

SEGUE

O prefeito de Presidente Prudente, presidiu o conclave.



O engenheiro Luiz Lopes Carvalho, da EFS, esclareceu que, devido a informações do Departamento Nacional de Rios, Portos e Canais, que deverá inundar a área para completar as obras da barragem de Guaira, no rio Paraná, a administração da EFS receia prosseguir os trabalhos. A ferrovia cogita, no momento, de chegar o mais próximo possível de Rosana, fazendo a travessia do rio Paraná, através de balsas ou ferr-boats.

Referindo-se à situação da Sorocabana no Estado de Mato Grosso, o engenheiro Luiz Lopes Carvalho disse que é idéia da ferrovia adotar um sistema rodo-ferroviário no final da linha, em Presidente Epitácio, ou na estação de Euclides da Cunha.

INFORMAÇÕES FALSAS

O documento que trata da navegação na Bacia do Prata, e encaminhado às autoridades federais, afirma que os vícios do pessoal, a inadequabilidade do equipamento e os defeitos de estrutura são comuns a ambas as regiões e é falsa a informação de que há carência de cargas para a movimentação do parque do Serviço de Navegação da Bacia do Prata. No setor de cargas, acham os signatários do memorial, a situação será brevemente equilibrada, através da participação privada nos transportes rodoviários, mas, quanto ao transporte de passageiros, a situação é crítica, porque as populações ribeirinhas de São Paulo, Paraná e Mato Grosso ficarão totalmente sem recursos.

OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Entre as demais reivindicações aprovadas na reunião de prefeitos e vereadores do Noroeste do Paraná, Alta Sorocabana e Sul de Mato Grosso, salientam-se:

— Solicitar ao Ministério dos Transportes prioridade para a BR 386 e BR 104, para prolongamento da Rodovia do Café, de Paranavaí até as proximidades do rio Paraná, na direção do Porto São José ou do Porto Caiuá; prioridade para a BR 158, ex-BR 19, que, partindo de Brasília, atravessará a Alta Araraquarense, a Noroeste, a Alta Paulista e a Alta Sorocabana no Estado de São Paulo, o Noroeste, o Oeste e o Su-

doeste do Estado do Paraná. Além disso, foi aprovada uma moção de aplauso ao ministro dos Transportes, pela concessão de aval no empréstimo contraído pelo governo do Estado do Paraná no Exterior, para a construção de um trecho de 250 quilômetros de extensão da Estrada de Ferro Central do Paraná, entre Apucarana e Ponta Grossa.

— Ao governo do Estado de São Paulo, além de solicitar o prolongamento do ramal de Dourados, da Estrada de Ferro Sorocabana, os prefeitos formularam um voto de louvor pelo início das obras de alguns trechos da BR 158, conhecida como Transversal de Integração.

— Ao governo do Estado do Paraná foi sugerida a pavimentação de um trecho de 50 quilômetros da Rodovia do Café, ligando Paranavaí a Cintra Pimentel, no valor de 18 milhões de cruzeiros novos, já incluídos no orçamento vigente. Foi também sugerida a abertura de uma estrada ligando Loanda a Umuarama e a construção de uma ponte sobre o rio Ivaí.

Ao governo do Estado de Mato Grosso foi sugerida a abertura de rodovias ligando Porto Felicidade a Porto Caiuá, Amambai a Porto Felicidade, Jataí a Porto Peroba e Bataiporã a Porto São José.

ESCOLA DE CIVISMO

O prefeito Watal Ishibashi acha que o conclave de Loanda atingiu plenamente os seus objetivos: "o conhecimento das reivindicações em torno de problemas que afetam a região obriga o governo federal e os governos locais, naquilo que é de sua competência, a agir o quanto antes. Nosso encontro foi a prova incontestada do amadurecimento do municipalismo. Merece elogios o prefeito Francisco de Assiz Pinheiro ao proporcionar tal conagração que torna mais efetiva a nossa reivindicação comum."

DESESPERO DO INTERIOR

"Da mais alta importância para os destinos da Pátria, são reuniões como a de Loanda por mostrarem o retrato de corpo inteiro do estado de desespero a que está relegado o interior brasileiro. Os congressos

dão ensejo para que a voz do homem simples possa melhor ser ouvida, organizando-se adequadamente para levar os seus reclamos aos poderes públicos." Essas são as impressões do deputado federal Hamilton Magalhães que vai atuar no Congresso em defesa das resoluções aprovadas.

DESPERTAR OS POVOS

"Despertar os povos do noroeste paranaense, sul matogrossense e Alta Sorocabana para o estudo e solução dos problemas comuns à região foi o objetivo do Congresso que reuniu prefeitos interessados, deputados estaduais e federais, vereadores" — declarou o prefeito Francisco de Assiz Pinheiro. "O entusiasmo do elevado número de presentes traduz o sentimento de inquietação pelos assuntos nacionais na expressão própria que assumem em escala regional" — acentuou.

Na saudação que fez aos participantes da reunião o prefeito de Loanda salientou o papel que os rios sempre representaram no processo de união e de intercâmbio entre os povos, o que, no seu entender, não ocorre com o Paraná e o Paranapanema, que isolam regiões economicamente importantes. O prefeito afirmou que a falta de meios de transporte estrangula o desenvolvimento natural daquelas três regiões.

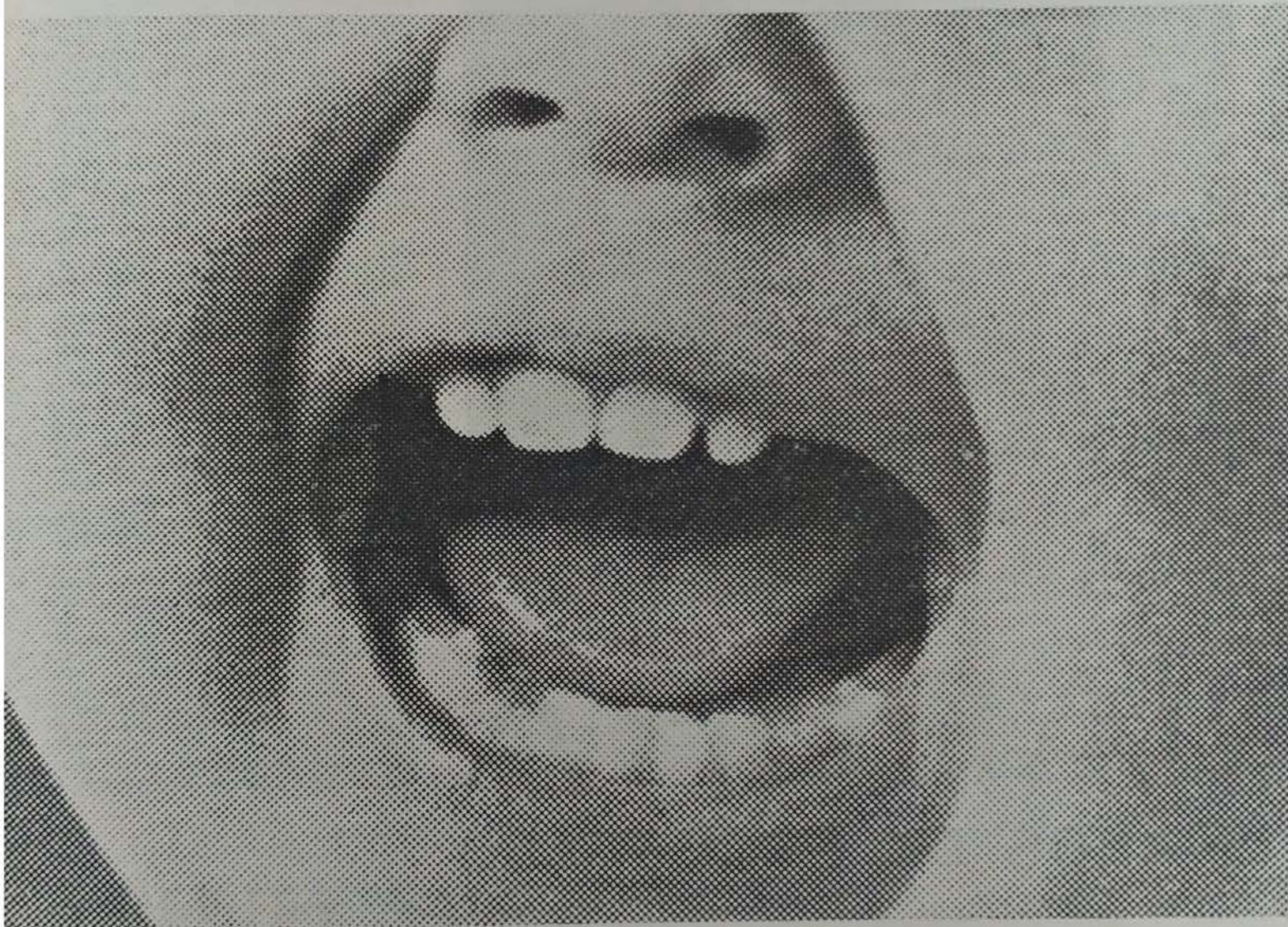
ANUNCIE NA

FÔLHA DO NORTE DO PARANÁ

COBERTURA TOTAL
DE TODO O
NORTE DO ESTADO

MARINGÁ

SEJA ELEITOR



COM 2 MILHÕES DE ELEITORES O PARANÁ FALARÁ MAIS ALTO

GOVÉRNO DO ESTADO DO PARANÁ — SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA

T R E



Paulo Pimentel recebe o título de cidadania em Japurá numa festa de vibração. A decoração do ambiente, feita em torno do chapéu de palha, é uma referência à fidelidade do governador aos seus compromissos com o povo.

JAPURÁ

3 ANOS DE PROGRESSO

Um dos orgulhos dos japuraenses é defenderem para si a primazia do mito criado em torno do chapéu de palha e que tão bem marcou a campanha de Paulo Pimentel. Quando deram ao governador o título de cidadania, na festa dos três anos de município, decoraram a sala do cinema onde se realizou a cerimônia com centenas de chapéus de palha. Eufórico dizia o prefeito Irineu Batista Câmara: «E não estamos fazendo cortesia com chapéu alheio. Já que o chapéu, que reivindicamos para nós, é de todo o povo.»

Só no Paraná é possível, dentro dos padrões de desenvolvimento do Brasil, um fenômeno de cidades com três anos de autonomia, como Japurá, apresentarem níveis tão elevados de progresso econômico e social e uma bastante razoável concentração de serviços públicos básicos. A ida do governador Paulo Pimentel às festas do terceiro ano de emancipação foi interpretada na comunidade como manifestação de prestígio incomum, pois naquela mesma oportunidade municípios de porte maior comemoravam o seu aniversário. O prefeito Irineu Batista Câmara, eufórico acolhe essa interpretação, mas acentua que Japurá pode simbolizar toda a cidade nova do Paraná, marcada pelos mesmos fatores de desenvolvimento, calcados no potencial fabuloso das terras e na audácia dos pioneiros.

— Vindo a Japurá o governador do Estado homenageou um estilo de civilização, que nos orgulhamos de traduzir,

Com apenas três anos, tem 18 mil habitantes, dos quais 5.500 na sede, e 7 mil eleitores, estando empenhadíssima na campanha do aumento do colégio eleitoral. Sua propriedade é pulverizada: 99% dos proprietários dos 6.600 alqueires desenvolvem unidades de 5 alqueires para baixo. São 1.606 proprietários cadastrados, responsáveis por uma produção fabulosa de café (200 mil sacas), arroz (200 mil), 1 tonelada de hortelã-pimenta e uma safra esperada de milho para 600 ou 700 mil sacas, segundo dados da Prefeitura.

2 cerâmicas de telhas, 9 olarias, 2 serrarias, 8 alambiques de hortelã, 5 máquinas de café e 9 de arroz configuram o seu parque industrial que deslanchará mais ainda por força da abundância do fornecimento de energia.

O ritmo da administração local é dos mais favoráveis e a concentração maior se verifica no ensino e nas estradas. Em ensino, durante as festas, foi inaugurado o grupo escolar «Marechal Cândido Rondon», construído em convênio com o Estado. Há ainda o grupo «Rui Barbosa» na sede, onde funciona também o ginásio, e 16 escolas isoladas construídas ou reformadas na administração do prefeito Irineu Batista Câmara e que abrigam mais de 1.600 crianças. Em rodovias, há

No posto de saúde, feito em convênio pelo município e Estado, o governador Paulo Pimentel ajudou na descarga dos móveis e equipamentos destinados àquela unidade sanitária.



uma rede de 132 quilômetros sob a responsabilidade do município, que abriu recentemente 20 quilômetros e que fará muito mais com a entrada em operação da motoniveladora Huber Warco que foi uma das atrações do desfile do terceiro aniversário.

Bem no centro há duas coisas por fazer e que serão atacadas em 1968: praça Brasil, a principal (e mais duas ou três) e o início do serviço de água em convênio com a Sanepar.

Arborização, 8 mil metros de calçada padrão, meios fios são algumas das melhorias procedidas e que estimularam o surgimento de novas construções na área central. O levantamento altimétrico e topográfico precede a meta asfalto, que é menor prioridade do que a água. Por sinal que no tocante à parte sanitária um considerável avanço foi dado com o Posto de Saúde (construído pelo município e equipado e mantido pelo Estado), inaugurado nas festas.

— Precisamos do ginásio. E estamos providenciando para que aí também mais uma vez se conjuguem conosco os esforços da administração estadual — frisa o prefeito, enfatizando a conveniência do prédio próprio para dar aproveitamento pedagógico mais adequado e abrir mais vagas na sede para o curso primário.

Em 1968, pretende-se construir mais 3 escolas rurais, retificar 80 quilômetros de estradas e atacar as praças, num equilíbrio de atuação harmônica de atenções entre a sede e a zona rural.

O prefeito destaca a ação do deputado Constantino Kotzias (ainda recentemente trouxe a autorização para que se construa o ginásio de 8 salas), da Câmara de Vereadores e as atenções dispensadas pela colonizadora, a Companhia Melhoramentos, na pessoa do sr. Paulo Moraes Barros, aos interesses do município. A Câmara, presidida pelo vereador Luis Grespan, que trajando o uniforme do ginásio saudou o governador duas vezes, é integrada pelos vereadores Epifânio Pedro Rodrigues, José Renostro, Rolando Georg, João Sardi, Pedro Buscarial, Josias Cardoso da Silva, Benedito de Paula Rezende e Eurico Gonçalves Berbert.

D. Eliseu, Bispo de Campo Mourão, prestigiou as festividades de Japurá e acompanhou o governador, o prefeito Irineu Camata e os deputados estaduais e federais em todos os atos oficiais.



A juventude no desfile deu a nota de maior destaque. Nela o maior instrumento de progresso da região. Embaixo, no palanque armado ante o grupo escolar, o governador fala ao povo.



Embaixo, o governador e sua comitiva, no aeroporto de Cianorte, acompanhados pelos prefeitos Irineu Batista Câmara e Ramon Máximo Schlus.



A máquina Huber Warco, zero quilômetro, apareceu no desfile depois das escolares, carros alegóricos e fanfarras. Demonstração viva da Prefeitura no campo das obras públicas. Japurá arrecadou pouco mais de 205 mil cruzeiros novos em 1967 e a previsão para 1968 é de 331 mil cruzeiros novos.

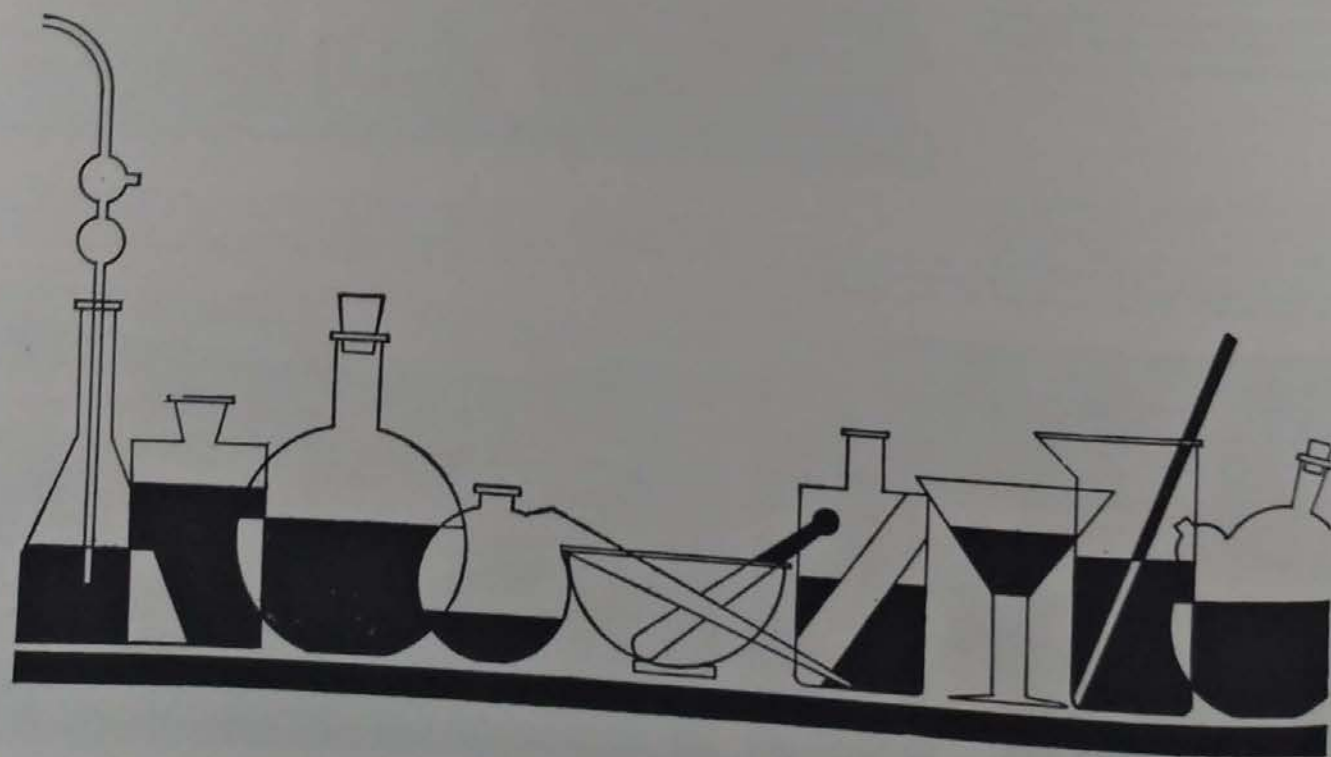


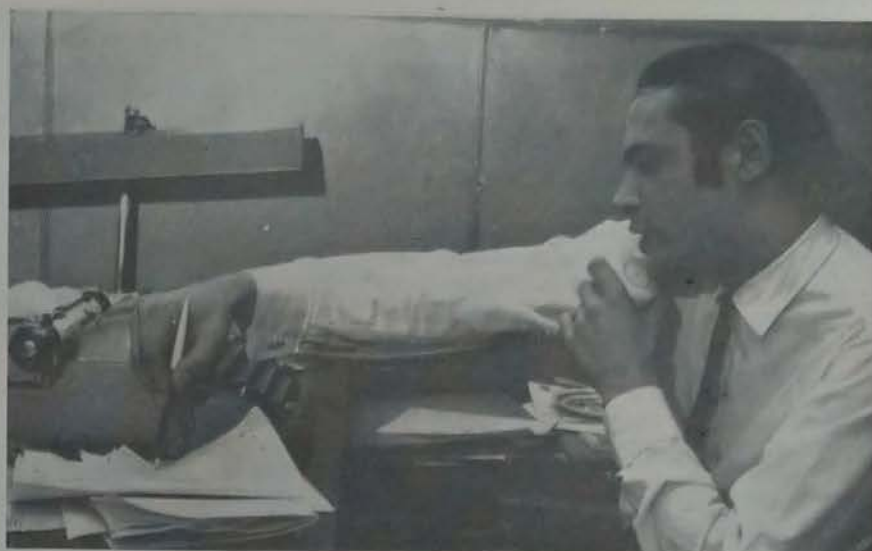
DROGARIA MORIFARMA

**UMA ORGANIZAÇÃO PIONEIRA
SERVINDO O NORTE DO PARANÁ**

MATRIZ: MARINGÁ

FILIAIS: MARINGÁ, LONDRINA, CIANORTE, CRUZEIRO D'OESTE, PARANAVAÍ (DUAS), MANDAGUARI E NOVA ESPERANÇA





Aumentar os empreendimentos, permanecer pelo menos quatro anos solteiro e jamais deixar o jornalismo, são os planos futuros de Carlos Jung. A frase que mais ouve: "Eu pensei que fosse mais velho". Mas, no momento, as preocupações maiores são a máquina-de-escrever e o telefone.

A MULTIFACE DE CADA UM

Carlos Jung

**subverteu tradição
de família para ser
colunista social**

Jornal «O Estado do Paraná», primeira página do segundo caderno. Milhares de paranaenses têm aí seu primeiro contacto diário com os noticiários da imprensa. Para muitos é a única fonte de informações.

«Noticias de Carlos Jung», uma das mais famosas colunas da imprensa do Estado. Mas, se a coluna é conhecida, lida, comentada, pouco se conhece de seu autor fora dos círculos mais fechados da sociedade paranaense. Quem é Carlos Jung?

«Sou um transviado» — diz o colunista ao falar dos caminhos que o levaram ao dia a dia da imprensa. «Fugi à tradição da família, toda ela integrada de respeitáveis negociantes em um ramo difícil, especializado e muito importante, principalmente nas comunidades interioranas: o ramo farmacêutico. Meu pai, meus tios e meu avô são farmacêuticos e proprietários de farmácias em Mafra, União da Vitória e Rio Negro.» Carlos Jung nasceu em Rio Negro aos 26 de dezembro de 1944. Começou a fazer jornalismo ainda muito moço no jornal de Mafra, cidade gêmea de Rio Negro, na divisa do Paraná e Santa Catarina. «Jamais havia pensado nisso — afirma —, mas em virtude de uma facilidade para escrever, já observada no ginásio, fui convidado para redigir a coluna social, que abrangia a vida das duas cidades. Aí se iniciou a minha carreira de colunista social. Não pensava, na época,

que o jornalismo viria a ser, como é hoje, a minha principal atividade e que me apaixonaria pela profissão de tal modo a não pretender jamais abandoná-la.»

O JORNAL DA METRÓPOLE

Jung veio para Curitiba continuar seus estudos. Aqui completou o curso científico e ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Há cerca de 4 anos começou a trabalhar no vespertino «Tribuna do Paraná», substituindo de início o titular da crônica social. A experiência da província foi muito útil. Rápidamente Jung firmou o seu conceito em um campo novo do jornalismo paranaense passando, depois, a assinar a coluna social do órgão mais importante da empresa, o ma-

tutino «O Estado do Paraná». Atualmente sua coluna é transcrita, diariamente, em vários jornais do interior do Estado e serve de base para o noticiário social do tele-jornal da TV-Iguaçu, canal 4.

Depois de conquistar posição de primeira grandeza no colunismo diário da imprensa paranaense, Jung já conseguiu projeção nacional. Ele afirma com justificado orgulho: «Fui lançado no Rio de Janeiro por Ibraim Sued e Harry Stone que me abriram as portas da sociedade local. Hoje, o círculo das minhas amizades na Cidade Maravilhosa se estende ao que há de mais representativo, não somente nos meios sociais como nos políticos e financeiros. Mantenho contacto permanente com os nomes de maior projeção do colunismo social do Brasil, bastando citar, na Guanabara, Ibraim Sued — que não preciso dizer quem é —, Cicero Sandroni, do «Cor-
SE GUE

reio da Manhã» e Léa Maria, do «Jornal do Brasil»; em São Paulo, Alik Kostaks, de «Última Hora» e Tavares de Miranda, das «Folhas»; no Rio Grande do Sul, Flávio Carneiro, da TV de Porto Alegre e em Minas Gerais, Eduardo Curi, do «Diário de Minas», de Belo Horizonte. Graças a essas ligações e amizades conseguiu lançar nacionalmente com fotografias, na coluna do Ibraim, a Miss Bangu do Paraná, promoção da minha coluna no «O Estado do Paraná». Foi a primeira paranaense a sair com esse destaque no «O Globo», na coluna do Ibraim Sued.

ELEVOU GABARITO

«Posso dizer, sem temor de pedantismo, que inovei no estilo do jornalismo social paranaense. Comecei a entrar em assuntos políticos e econômicos o que, aliás, permitiu que o jornalismo social se firmasse em nosso meio, passando a ser mais respeitado. Um exemplo dos problemas que tenho abordado foi a campanha contra a administração Leônidas Bório, no IBC, que durou mais de um ano. Também foi a que provocou mais reações.» Entre os dissabores que tem de enfrentar, em consequência de notícias que publica e que atinge às vezes personalidades importantes, cita Carlos Jung os telefonemas e cartas anônimas com ameaças e os atos «de desrespeito» — segundo suas próprias palavras —, atingindo objetos de sua propriedade particular. «O mais vulnerável é o meu automóvel — afirma —, que vez por outra sofre danos com antena quebrada, pneus furados e outros vandalismos. Recentemente, durante o período da FECIP, fui uma noite surpreendido ao encontrar meu carro com os quatro pneus vazios e um grampo de mulher em cada válvula das câmaras de ar. Já houve casos de pessoas politicamente importantes, magoadas com notícias publicadas na coluna, que vieram pedir minha cabeça à alta direção da empresa. Mas a coluna tem independência dentro da organização do jornal e essas investidas de nada têm adiantado. Pelo contrário, mais me fortalecem pois demonstram que as notícias nela publicadas têm penetração.»

O LADO BOM

Jung afirma que o outro lado, o das alegrias, compensa os dissabores e os prejuízos causados pelos recalcos. E diz: «A alegria do êxito de uma campanha assistencial, como a que fiz recentemente para proporcionar um Natal alegre à infância mais necessitada de Curitiba, não pode ser paga com dinheiro nenhum. A campanha inicial era para 5 mil crianças. Choveram tantas doações e presentes que pudemos atender 10 mil, mobilizando toda a sociedade curitibana. A festa foi um êxito com

show, circo, refrigerantes e presente para todos. Foi uma demonstração do que pode realizar o jornalismo social bem orientado. Por outro lado, os presentes que recebo até de desconhecidos, as sugestões e mesmo as críticas construtivas, os convites e cartas com elogios e agradecimentos, equilibram os dissabores das ameaças e das incompreensões.» Entre os presentes que Carlos Jung recebe constantemente há uma média de um litro de uísque por dia. São presentes de todo o mundo, inclusive de governadores. O governador Alacid Nunes, do Pará, por exemplo, presenteou-o, recentemente, com um disco de poesias de sua autoria. Entre as cartas do Paraná, de outros Estados e até do exterior Jung já tem um arquivo com mais de um milhão delas. E durante todo o mês de janeiro de 1968 recebeu, todos os dias, uma flor, remetida por uma admiradora anônima.

VIAJAR É «HOBBY»

Ao sair este número de NP Jung deverá estar regressando de uma viagem aos Estados Unidos, com passagem por Las Vegas, São Francisco, Miami e Los Angeles. É a segunda viagem que faz em três meses aos «States», a convite. Da vez anterior esteve em Miami, Nova Iorque e Washington. Ainda para o corrente ano já tem convites para outras viagens internacionais: uma do govêro da Argentina e duas de países da Europa. Para atender às freqüentes visitas ao Rio e São Paulo, tem dois apartamentos naquelas duas cidades. Esse gosto por viagens já provocou problemas. Já caiu de avião e capotou de automóvel por três vezes. Mas tem muita sorte. Nada sofreu nesses acidentes. Há também os incidentes curiosos. Há cerca de um ano foi ao Paraguai no avião particular de um amigo. Na chegada, o avião teve pane de rádio e não pôde se comunicar com a torre. O piloto desceu «na marra». Pegou o lado errado da pista onde se preparavam para decolar três aviões. A «bronca» foi prá valer. Quase é expulso do país no mesmo dia. Nessa mesma viagem criou mais um caso com os paraguaios. Visitou, «só por curiosidade», um famoso acampamento de índios muito utilizado para atrair turistas. Passou a noite na tribo e achou tudo «o fim da picada». Publicou suas impressões na coluna e quase criou um problema internacional. Por muito pouco não houve «protestos diplomáticos».

A ROTINA EXAUSTIVA

«Mas na rotina do dia a dia o trabalho é uma dureza», afirma Jung. «Começo a escrever a coluna às 15 horas terminando normalmente às 18. Apesar de ser um trabalho de equipe — outros redatores do jornal colaboram no noticiário —, tenho

que suportar as mais estranhas experiências. Primeiramente, o telefone. Toca a cada minuto — o que a reportagem de NP pode testemunhar —, e nem sempre para dar notícias. Há, também, as visitas. Algumas impertinentes. Pessoas que não são notícia mas acreditam ser. Querem sair a todo o custo na coluna e só desistem pelo cansaço. Mas cansam a gente, também. Há os que me procuram para pedir auxílio. Recentemente uma senhora pediu para me ser apresentada. Recebi-a. Disse que lia a coluna diariamente, que a apreciava muito, etc. etc. No fim da conversa me pediu cinco milhões de cruzeiros emprestados. Experiências desse tipo são comuns. Mesmo quando tiro minhas férias anuais no mês de janeiro, e vou a Camboriú e Guarujá para descansar um pouco — principalmente do telefone —, trabalho muito, colhendo material para mandar para a coluna.»

Para as três horas de batente na redação do jornal são necessárias muitas outras de recepções, festas, enfim, contacto permanente com os mais importantes acontecimentos sociais da cidade a fim de que o colunista fique em dia com os fatos que geram as notícias. E no meio disso tudo o pitoresco, também. Recentemente, por exemplo, o porteiro do Senhor Clube barrou o Jung na porta: «O senhor não pode entrar porque não é o Carlos Jung. Ele esteve aqui, ontem, e é muito mais velho.» O episódio não é inédito. No Clube Curitibano já apareceram mais de 10 «irmãos» do colunista. No Iate Clube de Guaratuba só em uma noite mais de 10 rapazes tentaram entrar alegando que eram companheiros de Carlos Jung. Não eram sequer conhecidos.

SOCIEDADE E «SOCIETY»

Jung não tem hesitações ao dar sua opinião sobre a sociedade de Curitiba. «É o protótipo da cidade que tem Sociedade e «society», afirma. E para o reporter, leigo no assunto, explica. Sociedade é gente que é notícia. «Society» é o conjunto de pessoas que sem ter nenhuma condição para ser notícia consegue aparecer nas colunas de alguns jornais. Ilustra o que afirma com uma comparação: «No Rio de Janeiro e em São Paulo há um grupo limitado de cerca de 100 casais que são notícia nas colunas sociais importantes. Em Curitiba existem mais de 500 que aparecem em outras colunas, onde a seleção é menos rigorosa.» Sobre a elegância da mulher paranaense, afirma Carlos Jung: «Nas listas que tenho feito quebrei alguns «tabus». Senhoras que têm sido incluídas em todas as listas de «10 mais» não apareceram nas minhas. Em compensação, mulheres cuja elegância é ponto alto na Sociedade paranaense nunca apareceram em listas de «10 mais» da nossa imprensa.»



O colunista quase não aparece em fotografias. Foi difícil encontrar esta, em companhia de Ibraim Sued.

O EMPRESÁRIO

«Faço questão de frisar que não aceito dinheiro para dar notícias na minha coluna, embora receba propostas nesse sentido todos os dias. Não preciso, pois não vivo somente do jornal. Tenho outros empreendimentos que me permitem essa independência.» Jung é diretor superintendente da Diretriz, Empreendimentos S. A., empresa que organizou a primeira FECIP — Feira do Comércio e Indústria do Paraná, realizada o ano passado no Parque Castello Branco. Para o corrente ano a Diretriz

promete outros projetos sensacionais. Ainda recentemente a agência Image, do Rio de Janeiro, convidou a Diretriz para associar-se na organização de uma exposição-feira abrangendo os Estados de São Paulo ao Rio Grande do Sul, e que seria realizada em Curitiba. Em 68 Jung espera lançar outra empresa, já em organização. Participa, ainda, de uma equipe de assessoria de imprensa e relações-públicas com sede em Curitiba. E o colunista leva muito a sério essas outras atividades. Exemplo: somente com a finalidade de colher experiência para exercer suas funções na Diretriz, visitou recentemente o Peru para

assistir a Feira do Pacífico, em Lima, grande exposição industrial de caráter internacional.

DEZ NOTÍCIAS ENTRE AS «MAIS»

Entre as mais importantes notícias que publicou nesses quatro anos de jornalismo social na imprensa curitibana, Jung relembrou, para NP, as seguintes:

★ Saída de Horácio Coimbra do IBC, dada com dois dias de antecedência na TV-Iguaçu. «Todo mundo me chamou de louco», afirma.

★ Uma nota afirmando que uma série de vistos necessários para o turista brasileiro ir à Argentina tinham sido abolidos. No mesmo dia da publicação da notícia recebeu carta do consul argentino Enrique Gonzales Aleman, dizendo que a notícia não era correta pois o Consulado não recebera nenhuma comunicação oficial. No dia seguinte nova carta do consul. Pedia desculpas pela primeira pois 6 horas depois de a ter escrito recebera comunicado de Buenos Aires confirmando a informação.

★ Conclusão da estrada Paranaguá-Foz do Iguaçu para março do corrente ano, fato de que teve notícia no apartamento do ministro Andreazza, no Rio de Janeiro.

★ Cobertura da viagem de Paulo Pimentel, antes da posse. A coluna noticiava diariamente todos os passos do governador eleito no exterior, com minúcias de detalhes.

★ Cobertura em Miami — primeira notícia no Brasil — do lançamento internacional do filme de Frank Sinatra «Tony Rome», em novembro de 1967. Jung participou do coquetel de lançamento da película.

★ Noticiou sozinho, algumas horas depois, a compra da nova sede do Jôquei Clube do Paraná, por 300 milhões de cruzeiros. O mesmo ocorreu com o lançamento da dívida de 4 bilhões de cruzeiros do Jôquei com o Imposto de Renda.

★ Notícia do aumento do funcionalismo estadual, em janeiro de 1967, com manchete de primeira página.

★ Quando Ney Braga era governador veio a Curitiba o embaixador do Paraguai no Brasil, Sapenha Pastor. No dia da chegada noticiou que durante o almoço a ser realizado no Palácio Iguaçu seria feita a entrega ao governador da maior comenda do Paraguai. Como nem o Cerimonial do Palácio nem o Consulado do Paraguai haviam recebido comunicação oficial do fato, não foi incluído no discurso do governador um agradecimento. Na hora do almoço a comenda foi entregue. E o agradecimento foi feito de improviso.

★ Aposentadoria dos desembargadores. Em consequência, aposentaram-se três.

★ Cobertura do almoço do presidente Castello Branco, do Brasil, e Stroessner, do Paraguai, na inauguração da Ponte da Amizade, em Foz do Iguaçu.

A LONGA ESPERA DA EMANCIPAÇÃO

SAMUEL GUIMARÃES DA COSTA

(Especial para NP)

Ilustrações de Percy Lau

O processo de formação dos atuais Estados brasileiros resultou menos do esforço local em prol de sua autonomia política e administrativa que das conveniências do Governo central, na fixação de centros de poder, para defesa contra ameaças externas que, por muitas vezes, puzeram em risco a unidade da colônia portuguesa na América. No caso do Paraná houve um momento histórico em que, se a importância econômica prevalecesse, a ex-Comarca de São Paulo se encontrava, por assim dizer, no mesmo pé de igualdade da cabeça da Capitania, inclusive com Paranaguá em muito melhor posição que Santos.

Comentando recenseamentos antigos, Sergio Milliet em sua obra hoje clássica «Roteiro do Café e Outros Ensaos» focaliza um «período de marcada decadência» de São Paulo por volta de 1805, na gestão do Capitão-General França e Horta. «As bandeiras do ouro e dos escravos — diz ele — haviam despovoado as vilas mais prósperas e a cegueira das centralizações administrativas fizera o resto.»

Em outro documento da época, citado por Milliet, diz o General-Governador: «Olhe agora para as capitanias subalternas, em cuja classe desgraçadamente entrou São Paulo até aqui, e não se verão senão necessidade e misérias; pobres de população de cabedais, porque mendigando de terceiras mãos para a disposição de seus efeitos os vendem pelo que lhes querem

pagar e compram o necessário pelos preços que lhes querem por.»

Roberto Simonsen, na sua «História Econômica do Brasil» ressalta o mesmo fenômeno: «Declinada a mineração, empobrecem os Paulistas emigrados e os Paulistas de Piratininga. São épicas as descrições do empobrecimento dos mineradores, paralelamente ao depauperamento das terras auríferas em que se fixaram. A transição da fase mineradora para a agrícola, não se poderia ter verificado sem transe dolorosíssimos. O aparelhamento fiscal organizado para uma época de grandezas passou a pesar demasiado sobre uma lavoura pobre e uma indústria barata, como a da criação. Vimos que, ainda em princípios do século XIX, a maior renda da capitania paulista era constituída por impostos e tributos do gado do Sul, cobrados nos registros, as alfândegas internas instaladas na colônia. A guerra dos Farrapos fotografa, com sua denominação e desenvolvimento, a miséria a que tinham chegado as populações sulinas. A raça conservou, porém, o antigo cerne; e na primeira oportunidade que se deparou, da possibilidade da exploração de um produto rico nas próprias terras, criou pela primeira vez, dentro de suas próprias lindes, essa enorme massa de riqueza constituída pelos cafezais, que já foi classificada como um dos maiores prodígios do século XX.»

O comércio da erva-mate com a Colônia platense de Sacramento foi um dos primeiros ensaios do comércio exterior paranaense.

A economia ervateira, desenvolvendo-se assim desde os primórdios, como um vigoroso meio de enriquecimento para os homens influentes da província, foi um dos estímulos iniciais às lutas de emancipação.



É ainda na obra citada do Roberto Simonsen que vamos encontrar um quadro comparativo das receitas e despesas das comarcas da Capitania de São Paulo nos anos de 1764-1765, com Paranaguá colocada acima de Santos em importância econômica, enquanto Curitiba igualmente aparecia melhor situada que Pindamonhangaba, num momento em que o Vale do Paraíba já se encontrava muito mais desenvolvido e próximo da «civilização» colonial.

É sabido que o Governador da Capitania de São Paulo, ANTONIO JOSE DA FRANÇA E HORTA ficou mal visto entre os paranaenses e curitibanos, por volta de 1808, por dificultar por todos os meios a abertura da estrada da Serra entre Paranaguá e Curitiba, sob a acusação de querer proteger o porto de Santos, em detrimento do porto paranaense.

O café ainda não havia sido «descoberto» como riqueza nova que, depois, iria dar início à fase do esplendor paulista. Até que isso ocorresse, o estado de pobreza geral da vasta Capitania encorajava ciúmes, invejas, proteções e favorecimentos discriminatórios entre regiões e cidades irmãs.

Dessa discriminação interna surgiam os ressentimentos e, conseqüentemente, as manifestações autonomistas, muitas vezes fomentadas pela ambição pessoal de líderes locais sedentos de poder.

Contra essas ambições se exercia o aparelho burocrático-militar da Colônia, cuja força de centralização dominadora era então representada pela figura híbrida do Governador da Capitania, no qual se reuniam as funções do «Governador das Armas» com as funções civis e administrativas, inclusive de distribuidor de justiça do próprio Rei. Durante o Império sobreviveu esse híbrido de poder, embora desdobrado nas duas figuras do Presidente da Província e do Comandante de Armas, numa associação de autoridade que atravessaria a República sob a versão moderna — mas ainda com resquícios coloniais — do Governador do Estado e do Comandante da Região Militar.

Lembra um historiador brasileiro que para os efeitos da administração metropolitana, o Brasil não constituía uma unidade, mas uma série de várias colônias ou províncias, às vezes até mesmo «países», que, sob a forma oficial de capitânias formavam um conjunto heterogêneo, de divisões imprecisas e domínios territoriais discutíveis.

Muitas vezes as ordens vinham para Paranaguá e Curitiba não das sedes oficiais da Capitania, localizada em São Paulo, mas do Rio de Janeiro, que constituía outro centro de poder, distinto do primeiro, abrangendo Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no pressuposto de uma costa comum, enquanto São Paulo entrava pelo interior a dentro, nas fronteiras com o Pa-

raguai e Argentina, na mais perfeita confusão de competências.

O Paraná seria no Império e depois na República um desses exemplos de Estado que herdaria divisas imprecisas e vagas, pelas sucessivas alterações de subordinação administrativa de suas cidades e vilas, com um legado de questões de limites que assumiriam, não raro, formas cruentas, principalmente nos remotos sertões do interior.

Por não saber até onde iam os domínios das Comarcas de Paranaguá e Curitiba sua gente não podia ter consciência de sua força ou de sua importância política.

Além disso é preciso não esquecer que contribuiu muito para retardar o desenvolvimento econômico e social da ex-Comarca de São Paulo o fato — importante na época — das numerosas expedições e «bandeiras» para regiões distantes do extremo Sul e do Oeste remoto, integradas pelos então chamados «curitibanos» e que dificilmente retornavam aos lares.

Meio índia, meio castelhana, «propensa a desertar para o lado dos castelhanos» — conforme a observação de D. Luiz de Souza Mourão — essa gente inquieta e andeja dos campos gerais prestou grandes serviços na expansão territorial e nas empresas militares, a extraviar-se por terras distantes. Como tropeiros ou soldados nas guerras platinas ou riograndenses, com isso desfalcavam os núcleos paranaenses de população que antes ajudaram a formar — de tal maneira despovoando-se de homens válidos o planalto curitibano que, na segunda década do século XIX, o trabalho rural era feito quase que exclusivamente por mulheres.

«Morto no sertão» é a referência lacônica dos documentos da época sobre muitos homens que jamais voltaram.

Na dispersão demográfica as manifestações autonomistas não tinham unidade, mas, ao contrário, se enfraqueciam e perdiam impulso, pelas disputas e competições que dividiam suas cidades maiores, lutando entre si na ânsia de conquistar a primazia de sede futura do governo ou de entreposto de maior expressão econômica e política.

Esses e outros fatores explicam porque o Paraná foi a última área brasileira, depois da Independência, a se constituir em província autônoma — amargando uma espera que durou cinquenta anos, no decurso dos quais outras áreas, de menor expressão, se emanciparam política e administrativamente.

Nessa expectativa de meio século, dentro da qual durou a espera da emancipação política, a história fez justiça aos méritos de um homem lúcido que, sem maiores interesses pessoais, veio ao Paraná colonial, para lhe dar os capítulos de provimento às Câmaras de Paranaguá e Curitiba e foruns inspirados nas suas necessidades reais.

Este homem foi o Ouvidor Rafael Pires Pardini, mais tarde elevado ao alto cargo de Ministro do Conselho Ultramarino, em Lisboa.

Seus notáveis provimentos, aprovados pelas mais altas autoridades do Reino, possibilitaram as primeiras diligências no sentido da abertura da estrada da Graciosa, as demarcações de limites municipais, a criação da Ouvidoria de Paranaguá, o início do comércio da erva mate com a Colônia platense do Sacramento, além de outras providências tendentes a «abrir» a região para o seu nascente progresso econômico.

Seu nome está ainda hoje perpetuado em logradouros públicos, sem que os nossos contemporâneos saibam de quem se trata.

O corte do erval continua, até hoje, nos moldes rudimentares de trabalho daquela época.



dois nomes
curtos:

NEY E LÉO COMEÇAM A GRANDE SUBIDA

Não sei de onde vem a lembrança. Mas, parece que o trabalho dos políticos é quase igual à revolta de Sísifo, que não queria, nem por nada, voltar à região dos mortos.

É uma historiazinha grega muito antiga. Um tal de Sísifo, que andou fazendo das suas e explorando incautos viajantes, foi condenado a ir pros infernos. Mas, astucioso como bom grego que era, conseguiu um «habeas corpus» e voltou para a terra, onde continuou fazendo suas traquinadas. Então, o deus Hermes, dando uma de agente de polícia, prendeu o de cujus e o condenou a levar às costas um penedo — que despencava, constantemente — até ao cume de uma íngreme montanha. E se parasse, era chicoteado por uma semi-deusa desvairada, dessas bem loucas...

O trabalho do político parece o de Sísifo. Tem que carregar um pedrão dêsse tamanho até o alto de suas ambições. Quando está chegando no fim da jornada, a pedra rola e tudo começa de novo, num trabalho inútil, cansativo, sem resultado. E tudo isto é feito para que não tenha que voltar à região dos mortos.

POLÍTICA NO ESCURO

Peneirando muito bem, dois nomes pequenos sobram nessa caminhada de Sísifo, montanha acima. Ney e Léo são os que têm as pedras maiores e já começaram a subida. Ney, meses depois de eleito senador, foi em São Paulo e, quando recebia o título de «Cidadão Honorário» dessa Capital, disse que era candidato em 1970. E não parou mais de dizer, em todas as horas de seu relógio político, que estava grimpando montanha acima.

O esquema da candidatura de Léo, que está despontando, não foi contado ainda. E é o que vamos fazer.

Com seus 30 e poucos anos, bigodão agreste, o pontagrossense Léo de Almeida Neves foi, um dia, procurado em Brasília, pelo federal Renato Celidônio. E a coisa deve ter sido desenvolvida mais ou menos na seguinte base: Olha, meu caro Léo, o MDB não tem, melhor que você, outro candidato. Vamos colocar tudo no preto e no branco e o partido lança seu nome. Depois, aqui em Curitiba, alguns deputados estaduais, também, la-

laram com Léo, para que aceitasse a candidatura, em termos oficiais.

Léo é da escola mineira de Souza Naves. Ouviu tudo. Foi aconselhar-se com o travesseiro, conversou com amigos e, inclusive, gente da própria «Arena». Ficou espantado com a receptividade. Muita gente, debaixo do pano, querendo ajudá-lo.

E parece que Léo resolveu ir de Sísifo, nessa história toda e pegar a pedra para subir a montanha. Pouco antes do Carnaval, percorreu as principais cidades do litoral, usando já uma velha tese de Naves: o partido deve ter candidatos próprios nas eleições. Era uma espécie de tomada de contato com a realidade. Viu que a coisa poderia pegar fogo e foi assim que o deputado Sílvio Barros, um dos pró-homens do MDB, na Assembléia, já começou a dizer que a candidatura de Léo para a governança será lançada, extra-oficialmente, num comício em Mandaguacu, onde o MDB vai fazer concentração.

Mas, enquanto Ney e Léo estão nas fraldas da montanha sucessória, tudo ainda está muito escuro na política e ninguém pode dizer como é que a coisa vai ficar.

CARREGANDO PEDRA

Qualquer candidatura ao governo do Paraná, em 1970, tem que atravessar a fase de Sísifo. Um aparente trabalho inútil, improdutivo, de cansar as pernas, as costas e a paciência. Quando o negócio parece estar chegando ao fim, lá vem a pedra para baixo e tudo deve começar novamente, para que Sísifo não volte ao reino dos mortos politicamente, marginalizado no processo pela via eterna do esquecimento.

É que ninguém pode dizer, com firmeza e convicção, que o pleito de 70 sairá como o tivemos em regras definidas em 65. Se for eleição direta, Léo disse que ganha e de barbada. Na hipótese de indireta, nenhum dos dois, por mais curtos e facilmente penetrantes que sejam os nomes junto à massa, pode afirmar que entrará na cambuca da Assembléia ou coisa parecida.

A verdade é que todos estão no escuro, dando uma de Sísifo, na base de carregar pedra para cima do morro, sem saber se há uma semi-deusa desvairada e absoluta-

mente louca disposta a chicotear as costas largas da ambição dos possíveis candidatos.

Então, resumindo toda essa opereta greco-paranaense, o calcanhar do problema está lançado em termos de desafio à persistência e à perseverança. Quem der de Sísifo, pegar a pedra e começar a subir a montanha, mesmo sabendo que há uma diáfana semi-deusa, absolutamente destemperada e imprevisível na formulação das regras do jogo, com um chicote raivoso nas mãos, esse, então, poderá sentar-se no cume do Palácio Iguazu.

O problema pode ser, também, de sorte. É possível que o Olimpo se abra, Zeus revolucionário fique tranquilo e a coisa toda se faça como todos os humanos desejam...

No rebôlo das fofocas

● Dizer que a «Arena» é o reino da tranquilidade é uma idiotice. Dentre as várias frentes de tensão no partido situacionista, há uma, agora, marcada pelos deputados federais. Não tendo sido ouvidos na reunião «arenista» que tratou do esquema da formação do partido, no interior do Paraná, avisaram que se reservam para posição ulterior, no momento que entenderem necessário. A coisa poderá ficar mais preta, ainda. ● Merecendo todos os votos de seus companheiros da bancada do Paraná, na Câmara Federal, para sua candidatura à 1ª vice-presidência dessa Casa no Congresso, ACCIOLY FILHO provou o prestígio que tem entre uma das parcelas da elite política paranaense, formada pela nossa representação na Câmara. Aliás, continuamos com o palpite de que não será surpresa, para nós, se seu nome for sugerido nas articulações políticas para disputar, pela «Arena», uma das candidaturas ao Senado, em 1970. ● Para se ter uma idéia de como a coisa ferveu, nos bastidores, durante o problema da eleição da Mesa da Assembléia, basta contar um único fato: o federal ZACARIAS SELEME, hoje Secretário do Estado, foi até o deputado MATTOS LEÃO, Secretário da pasta política e hipotecou solidariedade à candidatura do sr. PAULO POLI à primeira secretaria do Legislativo. O Secretário Mattos Leão lembrou, discretamente, ao sr. Seleme que ele era um homem de governo e que teria que agir dessa maneira... Em caso contrário, antes de solidarizar-se com quem já anunciava sua pretensão de romper com o governo, que apresentasse sua renúncia como Secretário de Estado. ● O sr. NEY BRAGA já começa a sentir problemas no seu crescente «staff» de colaboradores de sua candidatura. Tem alguns, inclusive, que já estão querendo, antecipadamente, «repartir o bolo», na base do «eu vou ser isto e você vai ser aquilo». E assim por diante. ● Uma das mais surdas movimentações feitas à base de pressão junto ao governador é para as nomeações no Tribunal de Contas. Com a iminente aposentadoria de dois Ministros substitutos e de um procurador, aumentam-se as vagas já existentes. Malgrado a isso, PAULO PIMENTEL está firme na sua disposição de nomear, somente, quando houver estrita necessidade. Como aumentam as aposentadorias, chegará um instante em que terá que, inevitavelmente, fazer nomeações. Até lá, porém, o governador está resistindo heróicamente. ● Melhorou a arrecadação paranaense nos meses de janeiro e fevereiro. ● O caso das sub-legendas, que interessa, agora, a todos os municípios do Paraná, onde haverá eleição, somente irá ao Congresso, através de projeto do presidente COSTA E SILVA, no dia 1º de março. ● O sr. PAULO PATRIANI, presidente da Federação da Agricultura, esteve no Rio, falou com o Ministro Rondon Pacheco, chefe da Casa Civil do presidente e trouxe a notícia: Costa e Silva virá ao Paraná no dia 6 de abril, para inaugurar a auto-estrada Curitiba-Paranaguá e participar do II Congresso Nacional do Café, que reunirá cerca de 500 congressistas. ● O deputado Anibal Curi, secretário geral da «Arena», muito preocupado com o problema da formação dos diretórios no interior. Existem mais de 280 municípios onde tal tarefa precisa ser executada, com vistas às eleições de novembro.

O TRANSPORTE MAIS RÁPIDO ENTRE SÃO PAULO E NORTE DO PARANÁ

ENCOMENDAS ENTREGUES EM

24 HORAS

TARIFAS BAIXAS E RIGOROSA
OBSERVÂNCIA DOS HORÁRIOS

DIARIAMENTE

DE SÃO PAULO PARA
OURINHOS — CAMBARÁ — ANDIRA — BAN-
DEIRANTES — SANTA MARIANA — CORNÉ-
LIO PROCÓPIO — LONDRINA — CAMBÉ —
ROLÂNDIA — ARAPONGAS — APUCARANA
— JANDAIA DO SUL — MANDAGUARI —
MARIALVA — MARINGÁ E VICE-VERSA

EMPRESA TRANSPORTADORA
ANDRADE LIMITADA

SÍMBOLO DE GARANTIA,
PONTUALIDADE E RAPIDEZ

ESCRITÓRIO CENTRAL:
RUA HENRIQUE DIAS N° 67
FONES: 93-6297 — 63-9894 — 63-2433
SÃO PAULO — CAPITAL

Paraná, A A DO



ANTECIPAÇÃO FUTURO

O menino e o asfalto



Ele já ouvira falar em asfalto e nas rodovias sem lama e sem pó. Mas, até muito pouco tempo atrás, quando chegava às margens da estrada grande, nos intervalos das caçadas de passarinhos — e para isso ele anda sempre muito bem armado, com seu estilingue de forquilha de goiabeira e tiras de borracha de pneu — ele não inveja os homens que viajavam, atravessando a sua região. Era o pó penetrante, no tempo seco, ou a lama pegajosa, nas estações de chuva, a transformar os viajantes em demônios irritados. Mas o asfalto já chegou, ligando São Mateus do Sul à Capital e de São Mateus caminha rapidamente em direção ao extremo Sudoeste. E hoje, quando perguntam qual o seu sonho dourado ele diz: «Viajar. Viajar muito. Conhecer a Cidade Grande. Viajar para conhecer a vida e conquistar o Mundo». Pois não é para ele e a sua geração que o Governo de hoje constrói as estradas de amanhã?

SEGUE

Paraná, janeiro de 1968. Nos 200 mil quilômetros quadrados de território estadual já não há mais os grandes espaços vazios. A população, que em 1960 era de 4,3 milhões de habitantes, subiu para 7,4 milhões. O número de municípios, de 126 para 283. Os 361 mil curitibanos de 1960 agora são mais de 600 mil. Os 6 mil estabelecimentos industriais do começo da década são agora quase 20 mil. Os 55 mil operários multiplicaram-se — e chegam a 200 mil.

Paraná, janeiro de 1968. Metade da potência instalada pela Copel — empresa com mais de 10 anos de existência — foi realizada nos últimos 24 meses. E neste mesmo período a Codepar concedeu financiamento a 261 empresas (nos cinco anos anteriores haviam sido beneficiadas 224 indústrias). A rede armazenadora do Estado foi aumentada de 33 para 70 mil toneladas estáticas. Mais 5.345 salas de aula foram construídas — contra 2.657 feitas nos cinco anos anteriores a 1966.

Paraná, janeiro de 1968. O governador Paulo Pimentel afirma, enfaticamente que sua administração conseguiu em dois anos metas equivalentes a quinquênios. Mas não se mostra vaidoso por isso. «Sei que até 1970 faremos muito mais do que o Governo passado, considerado profícuo e realizador. Sei também que meu sucessor fará muito mais do que nós. Assim é o Paraná, um Estado onde o futuro é antecipado de decênios».

Aquilo que sociólogos, economistas, estadistas e jornalistas internacionais têm chamado constantemente «o milagre do Paraná» não pode ser documentado apenas em números. É preciso conhecer a exuberância dos recursos naturais, os contrastes de geografia, que levam o visitante desde a planície litorânea, com sua flora tropical, até os trigais do Sudoeste, com seu clima seco e frio, passando pelas riquíssimas áreas de terra roxa, para entender melhor o fenômeno do crescimento explosivo do Estado.

O governador Paulo Pimentel afirmou, em seu discurso de posse, a inexistência dos conflitos econômicos e sociais que perturbam o desenvolvimento de outras regiões. «Os interesses investidos em situações ou posições de privilégio, que sustentam estruturas sociais injustas — disse ele — não têm aqui a contextura espessa

e a rigidez granítica de outras áreas estratificadas».

E partindo desse conhecimento, o jovem governador adotou um enfoque desenvolvimentista para a solução dos problemas estaduais, não se deixando levar pelas condições adversas que dominavam a paisagem nacional. Enquanto o Brasil se preocupava quase que exclusivamente com a aplicação de uma rigorosa política anti-inflacionária; enquanto a Nação vivia a crise de crédito e a retração das vendas; enquanto o País discutia o problema penoso da sucessão presidencial — o Paraná trabalhou.

Agora, 24 meses depois, os resultados desse trabalho aí estão. Em forma de mais energia elétrica, mais estradas, mais escolas e hospitais, melhores condições de comunicação interna, maior produção agrícola — mais desenvolvimento. E o Governo prefere atestar de si os méritos do

sucesso, atribuindo-os não a um, mas a três milagres paranaenses.

1. O milagre do trabalho do povo.
2. O milagre da pacificação política.
3. O milagre da confiança e otimismo.

São essas as três bases do trabalho realizado até hoje. E serão os fundamentos do vir-a-ser estadual, na medida em que se identificaram com a obra realizada e a obra por realizar.

O Paraná — as palavras são de seu jovem governador — «é o primeiro pedaço do grande Brasil de amanhã». Ele está convencido de que cinco anos de trabalho, marcados pela filosofia do desenvolvimento, poderão fazer com que o Paraná não só repita o exemplo de São Paulo, como reduza a distância entre os dois Estados, «diminuindo os desníveis que fazem do Brasil um país de disparidades regionais e de fortes tensões sociais».



O que foi feito pelo Governo de Paulo Pimentel teve sempre a marca do desenvolvimento integrado, isto é, pelo processo contínuo de elevação dos padrões de vida do povo — de todo o povo. Para atingir a base da pirâmide social, o programa de governo está largamente voltado para as obras de infra-estrutura.

No setor de energia elétrica, faltam apenas 31 cidades para que a rede estadual leve energia a todos os municípios. Hoje, 254 dêles já possuem energia, sendo também extensos os trabalhos de eletrificação rural. Os investimentos do último biênio subiram a 160 milhões de cruzeiros novos, estando prevista a aplicação de mais 125 milhões este ano. Em 1967 foi entregue a hidrelétrica de Salto Grande do Iguaçu e instaladas 8 usinas dieselétricas. E poucos dias após completar o segundo aniversário de Governo, Paulo Pimentel foi até a Serra do Mar, assistir à última etapa da construção da hidrelétrica de Capivari-Cachoeira, que dará mais 250 mil kW ao Estado. Prosseguem rapidamente as obras da usina de Foz do Chopim e está sendo executada a ligação com a usina de Acaray, na fronteira Paraguai-Brasil.

No setor rodoviário, foram entregues, em 24 meses, mil quilômetros de novas estradas, sendo 200 pavimentados. (No biênio anterior haviam sido pavimentados 158 quilômetros). Esse período de intenso trabalho em várias frentes pode ser sintetizado nos seguintes números: 347 quilômetros de pavimentação em obras; 390 quilômetros de implantação básica em execução; 23,8 milhões de metros cúbicos de terra escavados; 2.857 metros de pontes executados, contra apenas 1.720 no período passado. Olhando no mapa do Paraná, vê-se que há obras novas no Norte (Piraí-Joaquim Murtinho, Maringá-Umuarama, Maringá-Campo Mourão, Rolândia-Salto do Capivari), no Litoral (Antonina-Cacatu-Guaraqueçaba), no Centro (Iratil-Relógio), no Sul e Sudoeste (Curitiba-União da Vitória, Três Pinheiros-Pato Branco, Santo Antônio do Barracão-Palmas).

SE GUE

O destino das águas do Rio Capivari, com a presença do Ministro das Minas e Energia, marcou uma nova etapa no andamento, das obras da Grande Hidrelétrica de Capivari-Cachoeira, a maior obra de eletrificação em construção no Estado.

ATÉ 1969
CAPIVARI-CACHOEIRA
ESTARÁ SERVINDO
TODO O TERRITÓRIO
ESTADUAL COM SEUS
250 MIL KW.
A INTEGRAÇÃO
DO SUDOESTE À RÉDE
ASFALTADA SERÁ
EM BREVE UMA
REALIDADE ATRAVÉS
DA PONTE SOBRE O
IGUAÇU, NA RODOVIA
TRÊS PINHEIROS—
PATO BRANCO



PARANAGUÁ CONTINUA LIDERANDO A ARRECADAÇÃO NACIONAL EM DÓLARES E DIVISAS FORTES

No setor de telecomunicações, o programa de integração estadual está custando 115 milhões de cruzeiros novos, investidos principalmente na rede de emergência e na rede de microondas. A rede de emergência ligará Curitiba às regiões Sul, Sudoeste, Oeste e Noroeste, pelo sistema de rádio-telefonia. Já estão operando as estações de Foz do Iguaçu, Cascavel, Guarapuava, Pato Branco, Francisco Beltrão, Marreleiro, Renascença, Victorino, Mariópolis e Clevelândia. Em fase final de execução estão as estações de Palmas, Coronel Vivida, Toledo, Marechal Rondon, Guaira, Paranavai, Goio-Erê, Cianorte, Cruzeiro do Oeste, Paraíso do Norte, Loanda, Nova Londrina, São João do Caiuá, Maringá e Ivaiporã. A rede de microondas interliga o Porto de Paranaguá ao norte do Estado, através de Curitiba, Ponta Grossa, Londrina, Arapongas, Cornélio Procopio, Jacarezinho, Maringá, Nova Esperança e Paranavai, estando em construção 10 estações de comutação e cinco repetidoras. Em Curitiba, está em fase adiantada de construção um edifício de 19 andares onde ficará a central interurbana, que permitirá a discagem direta com os grandes centros do país. Em março de 1969, serão inaugurados 10 mil telefones em Curitiba. Em outubro, mais 10 mil.

O programa de investimentos infra-estruturais manteve Paranaguá em sua posição privilegiada de primeiro porto brasileiro no fornecimento de divisas líquidas à Nação (300 milhões de dólares por ano) e possibilitou a continuação das obras de dragagem do canal de acesso à baía, com o objetivo de permitir a operação de navios de grande porte. Também o canal de acesso e a baía de evolução do porto de Antonina foram dragados para atingir a profundidade de seis metros, possibilitando àquele ancoradouro exercer sua função dentro do complexo portuário de Paranaguá.

Mas, para conseguir manter seu ritmo de investimentos, o Paraná teve, nos últimos dois anos, que enfrentar adversários muito poderosos. Além da política deflacionista rigorosa, o Estado sofreu com a orientação prejudicial dada aos negócios do café durante a administração federal anterior. E, acima de tudo, foi vítima de uma súbita sangria em seus recursos, com a nova distribuição da renda pública, decorrente da reforma tributária. «Se não nos apressássemos em realizar um rigoroso plano de seleção e contenção de despesas, aconteceria

com o Paraná o que ocorreu a outros Estados — disse o governador Paulo Pimentel — onde o funcionalismo deixou de receber seu pagamento em dia, as obras públicas foram paralisadas, os fornecedores ficaram sem receber. Graças a Deus, pudemos pagar em dia o nosso pessoal, prosseguir nossas obras e pagar nossas contas». A verdade é que, em 1967, o Paraná teve uma arrecadação de 320 milhões de cruzeiros novos, quando estava prevista uma receita de 560 milhões. Houve, portanto, uma queda de 240 milhões. Contudo, as aplicações em investimentos (183 milhões) conseguiram superar as de custeio (166 milhões), mostrando que o Estado conseguiu se manter acima das dificuldades. Uma série de novas medidas foram tomadas para enfrentar

os problemas recém-surgidos. Uma delas foi a reformulação da Secretaria da Fazenda, totalmente reestruturada. Em breve, os contribuintes poderão pagar seus impostos nos bancos.

Aliás, em matéria de bancos, há uma novidade importante no Estado. A decisão de transformar a Codepar em Banco de Desenvolvimento, com condições de contratar diretamente empréstimos internacionais, auxiliando no esforço para poupança interna. A transformação decorreu da demanda de investimentos, que representa anualmente 500 milhões de cruzeiros antigos. Ainda como companhia de economia mista, a Codepar aplicou 82 milhões de cruzeiros antigos nos últimos 24 meses, sendo 32 para o setor privado e 50 para o público.

SEQUE

O café continua sendo o grande produto de exportação que através de Paranaguá demanda os mercados externos. O plano de expansão e reequipamento do porto está em plena execução.



Ao lado dos financiamentos da Co-depar, apareceram, pela primeira vez, os financiamentos do Banco Regional de Desenvolvimento Econômico — que antes tinha participação inexpressiva no desenvolvimento estadual. Foram por ele financiadas 108 indústrias e concedidos 1.264 empréstimos agrícolas em apenas um ano. Este foi o resultado de uma política de prestígio ao BRDE, que passou a receber recursos na hora certa e, em troca, começou a entregar ao Paraná a maior parte de seus recursos disponíveis para investimento. É importante lembrar que, para cada cruzeiro novo que aplica, o Banco traz oito de fora de sua área, representados por fundos do Finame, Fipeme, Funagri, Fundece, Funfertil e outros.

Nos dois anos de administração Paulo Pimentel, o sólido Banco do Estado tornou-se ainda mais atuante na economia estadual. Um dado importante para verificar a intensa penetração do banco é a crescente participação dos depósitos privados, que hoje representam 60% do total, indicando maior liquidez e confiança dos paranaenses em seu banco. As aplicações atingiram 71 milhões de cruzeiros novos, que ingressaram no comér-

cio, como capital de giro, na indústria e na agricultura. O Banco Central acaba de autorizar a abertura de mais cinco agências do Banestado — uma em Porto Alegre, outra em São Paulo e as restantes no Paraná.

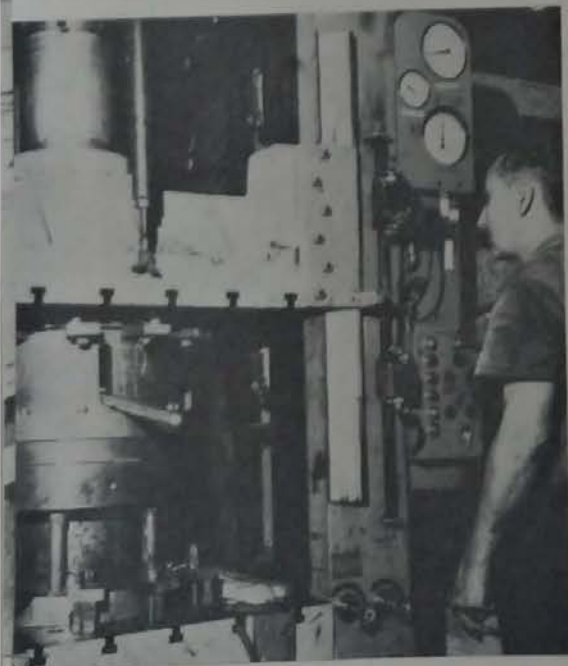
A dinamização do setor financeiro do Governo é uma consequência da própria filosofia de agir de Paulo Pimentel, que costuma afirmar sua convicção de que «os problemas do desenvolvimento só se resolvem com mais desenvolvimento», acrescentando: «Tudo se apresenta com caráter de urgência e deve ser projetado e construído com antevisão do futuro, para não ficar superado e não ser absorvido, logo mais, pela vertiginosa velocidade do desenvolvimento regional».

Mas todo o plano administrativo executado no Paraná nesses dois anos está baseado em sólidas linhas mestras. Por isso, o incentivo à agricultura — que ainda representa a maior fonte de recursos públicos e particulares na área estadual — é ponto fundamental. O Fundo de Equipamento Agropecuário, através de sete agências regionais, 133 postos rurais (28 instalados em 67) adquiriu para revenda, a preços de fomento, 1,7 mi-

lhão de cruzeiros novos de produtos ligados à lavoura. A Café do Paraná comercializou 236 mil quilos de sementes em 1967 — o dobro do ano anterior. E o plano de reflorestamento continua em execução, tendo sido produzidas 2,5 milhões de mudas de essências diversas para plantio.

Na pecuária, também foi grande o saldo de serviços. Em dois anos foram distribuídos mais de dois mil reprodutores bovinos e 2.385 reprodutores suínos. Está sendo agora promovida a intensificação da inseminação artificial. «Até 1970 — afirma o governador — os pecuaristas poderão comprar seu touro no balaço, com o funcionamento dos postos de inseminação da Secretaria de Agricultura». A verdade é que a renovação e a qualidade do rebanho estadual atingiram níveis nunca esperados, como se verificará na 2ª Exposição-Feira «Governador Paulo Pimentel», realizada na Granja do Canguiri. Igualmente na produção de leite, o Governo conseguiu resultados apreciáveis, destacando-se o sucesso do plano Cinturão Branco, de Curitiba, que resultou no financiamento aos leiteiros da Capital de 400 novilhas enxertadas para a produção de leite.

O apoio à iniciativa privada permite a consolidação do parque industrial já existente e estimula novos empreendimentos pioneiros. A STAMP, primeira fábrica de botijões de gás (foto à esquerda) do Estado e a Refrigeração Paraná (foto à direita) são exemplos da ação da CODEPAR.



A elegância arquitetônica do reservatório elevado de Apucarana é um exemplo das obras do governo no setor saneamento.



Ao lado dos setores diretamente ligados ao desenvolvimento econômico, foi realizado um intenso esforço para melhorar as condições de vida e trabalho do homem paranaense. É a maneira de o Estado devolver às centenas de milhares de paulistas, mineiros, nordestinos, gaúchos, catarinenses que aqui vieram unir-se aos construtores dessa nova civilização de progresso, um pouco de seu trabalho, em forma de escolas, hospitais, serviços de saneamento urbano, habitação, etc.

No setor escolar, o trabalho desenvolveu-se em torno de um «slogan»: «Nenhuma criança sem escola e nenhuma escola sem professores». Foram construídas 5.345 salas de aula — o dobro do que foi feito no Governo anterior. O problema de bancos escolares está resolvido nos centros urbanos e começa a ser solucionado nas áreas rurais, apesar da imensa gama de dificuldades que são enfrentadas a cada passo. Já estão lecionando no Estado mais 3.600 professoras concursadas, enquanto as atuais recebem novos cursos de aperfeiçoamento, visando melhorar a eficiência das escolas primárias em toda a área estadual.

Os problemas de saúde pública e saneamento passaram a ser encarados como uma unidade. Assim, ao lado das campanhas periódicas de erradicação das endemias e doenças infecto-contagiosas, é realizado um vasto programa de financiamento às redes municipais de abastecimento de água e de esgotos. Quase 3 milhões de paranaenses foram vacinados contra a varíola e a febre amarela. Dois milhões contra a poliomielite, o tétano e a difteria. No combate à Doença de Chagas, 650 mil habitações receberam cuidados. A tuberculose foi combatida através de novos hospitais especializados, como o de Londrina e vasta rede de dispensários. **SE GUE**

TRÊS MILHÕES DE PARANAENSES RECEBERAM VACINAS CONTRA AS MOLÉSTIAS ENDEMICAS NOS 24 MESES DO GOVÊRNO DE PAULO

O programa de assistência social foi reativado com a criação do PAIS, cuja experiência-piloto, no núcleo de Vila Feliz, em Curitiba, foi considerada totalmente vitoriosa. Novos núcleos estão em funcionamento em União da Vitória e Porecatu e outros serão inaugurados breve em Paranguá, Ponta Grossa, Santo Antônio da Platina, Londrina, Maringá, Paranavai, Loanda, Cruzeiro do Oeste, Cam-

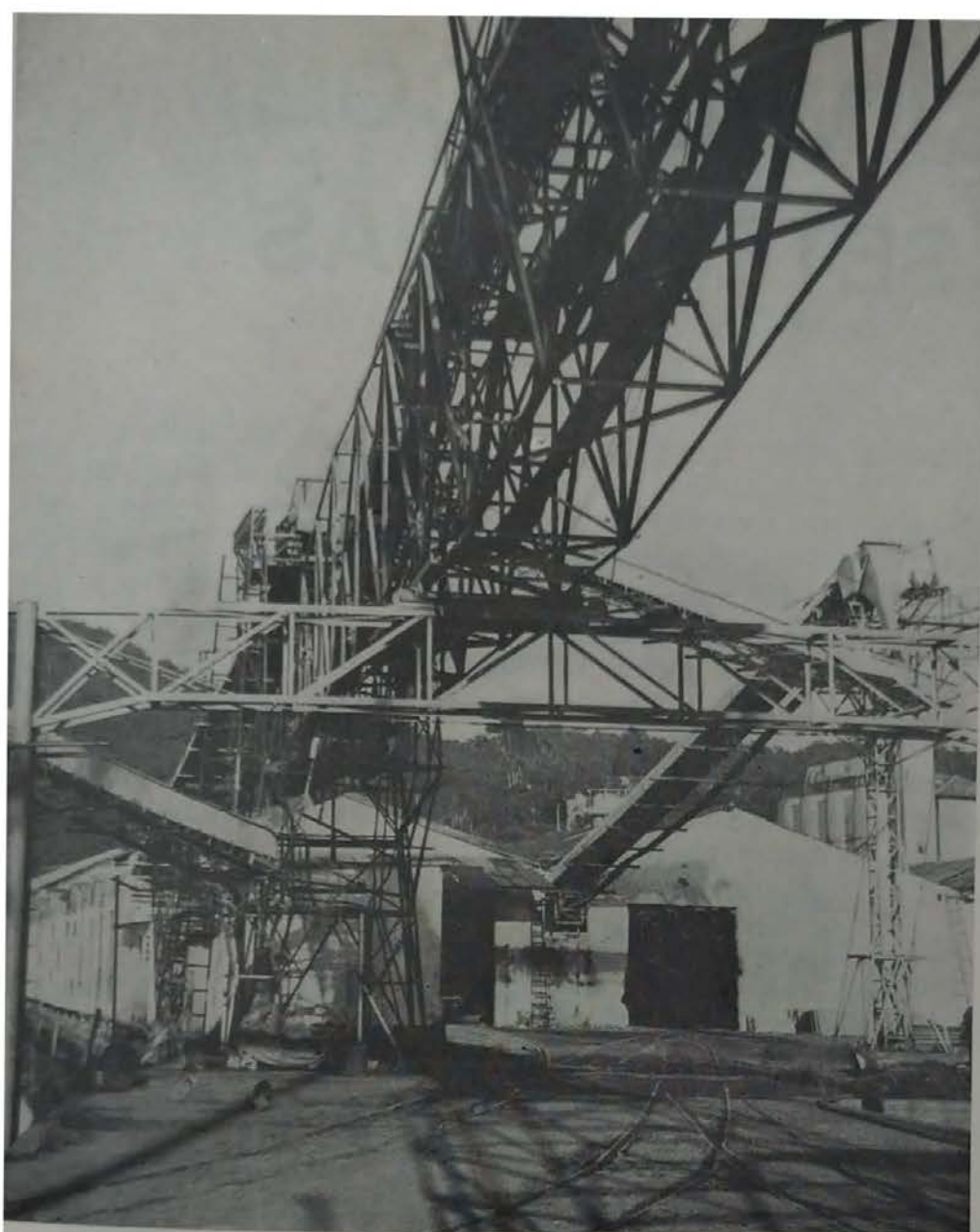
po Mourão, Guarapuava, Pato Branco, Cascavel e Arapongas. O PAIS é o resultado de uma nova mentalidade assistencial, que entende caber à própria comunidade a solução dos problemas comuns. Paralelamente, a Secretaria do Trabalho continua seu atendimento normal, assistindo 50 mil pessoas e colocando 8 mil desempregados. Nos estabelecimentos especia-

lizados, 8 mil menores recebem ajuda governamental, preparando-se para assumir seu lugar na sociedade. No Interior, 89 mil pessoas receberam atendimento médico das equipes da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural. E o funcionalismo público tem no IPE o seu instituto de previdência, que já atendeu 300 mil casos e está agora instalando mais 20 agências por todo o Paraná.

Em todos os recantos do Estado as obras de Saneamento, para defesa da saúde do povo, estão sendo realizadas em ritmo acelerado. Maringá, por exemplo, já conta com a mais moderna estação de tratamento de água. A de Curitiba está sendo construída pela Sanepar — foto embaixo — Em inúmeras outras cidades, ou já estão concluídos os serviços, ou se encontram em fase de construção.



OS INCENTIVOS A
AGROPECUÁRIA SE
APOIAM NO ESTIMULO
À INDUSTRIALIZAÇÃO
DAS MATÉRIAS-PRIMAS
DO ESTADO E NO
AMPARO
EXPORTAÇÃO DE
PRODUTOS
DA LAVOURA



Modernas instalações para embarque de cereais a granel foram instaladas nos portos de Paranaguá e Antonina.

O ENTENDIMENTO ENTRE AS BASES E AS CÚPULAS, ENTRE OS ADMINISTRADORES E OS ADMINISTRADOS MARCA A FILOSOFIA DO GOVERNO.

Os paranaenses estão morando cada vez melhor — e em boa parte devem isso ao Governo, que entregou em dois anos 2.450 casas, através da Cohapar e Credimpar, o equivalente a 7,5 milhões de cruzeiros novos. Este ano, mais de 100 municípios receberão mais 5 mil casas.

A propósito, as relações entre o Estado e os Municípios foram, desde o primeiro dia da administração Paulo Pimentel colocadas num plano mais alto. Primeiro, com o plano de entrega automática das cotas do artigo 20. Depois com os projetos conjuntos de melhoramentos públicos e a assis-

tência técnica de órgãos estaduais às administrações municipais.

Em resumo, pode-se dizer que o Paraná de hoje é um Estado com maior entendimento entre as bases e as cúpulas, entre os administradores e os administrados, entre o povo e o governo. Um Estado que ainda está longe de superar todos os seus problemas — eles são muitos e surgiram quase que ao mesmo tempo, tomando de surpresa as administrações anteriores. Mas não resta dúvida que hoje eles estão mais próximos de uma solução.

Acima de tudo, o Paraná de hoje

deixou de ser a terra da esperança e o El-Dorado, para tornar-se uma realidade palpável e suscetível de modificações rápidas e planejadas. O Paraná de hoje está cada vez mais capacitado a exercer o papel proposto pelos jornalistas norte-americanos Rowland Wvans e Robert Novak, do «Herald Tribune», de Nova Iorque, que afirmaram: «Se existe esperança de que o Brasil pode ser salvo do perpétuo caos político, esta esperança se encontra neste temperado Estado cafeeiro a 500 milhas da languidez tropical e da intriga política do Rio de Janeiro».

LOANDA CAMINHA COM BOTA DE SETE LÉGUAS

Em pouco mais de um mês, Loanda mostrou por que seu povo tanto se identificou com a bota do símbolo da cidade. É que nela se via muito mais do que uma alegoria às atividades econômicas da região, pois ao lado das esporas, sempre em linhas estilizadas, havia a presença dos produtos agrícolas mais fortes: o café e o algodão.

Acontece que aquela é também a bota das sete léguas da lenda, a que supera o ritmo normal da marcha, a que desafia o impossível. O Parque «Governador Paulo Pimentel», onde teve lugar a 1ª Exposição Agropecuária de Loanda, foi construído em apenas 27 dias. Muitos já acreditavam ser indispensável a transferência da mostra, porquanto havia tudo por fazer e em pouco mais de um mês começariam a chegar os animais e os expositores. O prefeito Francisco de Assiz Pinheiro, lembrando a gravidade dos compromissos assumidos, mostrou-se irredutível, juntamente com a liderança da cidade, e o que parecia inviável aconteceu: as obras estavam prontas em menos de um mês.

O governador Paulo Pimentel, que ressuscitou no Paraná a mística da pecuária, a que Manoel Ribas tanto dedicara atenção, foi o grande homenageado das festividades.





UM MONUMENTO AO PROGRESSO DO NOROESTE

O Parque "Paulo Pimentel" é o orgulho mais recente de Loanda. Estará em breve terminado para sediar a IIª Feira nos 13 anos da cidade. Foi construído em menos de um mês e suas obras de ampliação, ajardinamento e construção de mais 7 galpões de alvenaria e outras instalações, se encontram em andamento.

SEGUE





A Feira contou com atrações especiais como rodeios, provas de laço e doma, números folclóricos. Em 1968 vai ter muito mais e estará como exposição à altura das realizadas na Capital e em Londrina, podendo em breve ter caráter nacional.

FEIRA DOS 13 ANOS JÁ ESTÁ SENDO PLANEJADA

«A Feira deste ano será muito melhor!» — afirma, enfaticamente, o prefeito Francisco Assiz Pinheiro. No que é apoiado pelo seu companheiro na promoção da Feira, Ivo Fabrício de Moraes.

«É que ela já começou a ser planejada» — explica o prefeito — «na análise da experiência passada e na indicação de providências que irão torná-la mais aperfeiçoada.»

O Parque — projeto do arquiteto Fernando Queiroga — terá suas instalações definitivas concluídas. Mais galpões em alvenaria com as instalações sanitárias completas possibilitarão a triplicação da capacidade atual, isto é para mais de mil animais expostos. Promoções especiais como rodeios, apresentação de bandas de música e de conjuntos folclóricos, com atrações especiais, serão programadas. Cogi-

ta-se inclusive de realizar conclaves técnicos sobre produção animal e economia pecuária, a cargo de autoridades nacionais no assunto.

«Se em menos de um mês pudemos fazer o que fizemos, é justo que se espere por muito mais, quando pensamos na 2ª mostra. Assim, no 13º aniversário de Loanda, esperamos obter o máximo da exposição» — frisa o presidente da Comissão Organizadora, Manoel Ferreira do Valle.

O terreno, onde se localiza o Parque, mede 4,4 hectares. Nêle foram construídos 3 galpões em alvenaria para um total de 300 animais. Mais 7 galpões serão erguidos. Também foi construído um galpão de 300 metros quadrados para exposições do comércio e indústria. Para o ano que vem espera-se alcançar um máximo de

aproveitamento do setor face ao maior número de convites que será formulado a empresas paranaenses e de outros pontos do território.

Uma caixa d'água foi montada para garantir o abastecimento de todo o parque, assegurando água corrente nos galpões. As instalações sanitárias e uma lanchonete em alvenaria foram construídos, estando programadas novas unidades. Os galpões provisórios para restaurantes e petiscarias em número de 16, serão gradativamente substituídos por instalações definitivas. Ainda se fez mangueira para 500 animais. A obra foi executada pelo engenheiro Edner Accorsi e pelos srs. Nasser Nonjahin e Ivo Fabrício de Moraes. 200 operários trabalharam nas obras, a COPEL forneceu energia elétrica sem ônus (a iluminação também terá sua implantação definitiva em 1968).

O juiz Abraão Atem (à direita), também criador na região, destacou a importância da promoção. Na foto aparece ao lado de vendedores de gado da Bahia e de Minas Gerais, srs. José Carlos de Almeida e Antonio Gonçalves Carneiro que igualmente fizeram questão de frisar que a Feira de Loanda deve integrar-se a um calendário nacional. Lotes inteiros de gado de alta qualidade eram vendidos no recinto da exposição que se prolongou, por isso mesmo, até os primeiros dias de dezembro. 200 mil cruzeiros novos de movimento.





Milhares de pessoas da região e de outros pontos do território estadual e nacional prestigiaram a Feira.

OS NELORES MANDARAM DE PONTA A PONTA

Do gado exposto, a maioria (132) era nelore, 113 gir, 19 indubrasil, 10 charoleses, 10 holandeses, 3 Santa Gertrudes, 2 Jersey e Redpolland. Havia, ainda, 18 suínos, 8 equinos, 6 bufalos, 6 caprinos, 1 muar. Fora da exposição havia mais gado, inclusive 18 bovinos da raça gir.

Uma comissão veterinária funcionou ininterruptamente: os profissionais Clemy Glass e Roldolfo G. Artanitsch, da Secretaria de Agricultura, sediados em Paranavai, prestaram toda a assistência ao plantel, além de esclarecimentos aos criadores sobre problemas médico-veterinários. Não se registrou nenhum caso grave em matéria de doença e uma equipe da Campanha Nacional de Combate Contra a Febre Aftosa ficou impressionada com o rigor com que se houve a comissão na exigência dos atestados de vacina. Por sinal que um dos estandes da mostra foi ocupado pela Campanha. Expuseram, também, o Departamento de Edificações e Obras Especiais, a CAFE do Paraná, a Divisão de Fomento Agropecuário da Secretaria da Agricultura e firmas regionais.

SEGUE

O Banco Mercantil e Industrial do Paraná S.A. foi um dos fatores decisivos do sucesso da mostra pecuária, funcionando como agente financiador. A bota estilizada foi executada em pastilhas e colocada em ponto de destaque do Parque. Criação do publicitário (art. finalista e lay-outista) Wilson Andrade.



TEM VOCAÇÃO DE CAPITAL EM ÁREAS DO NOROESTE E PARTE TAMBÉM DO SUL DE MATO GROSSO

Loanda não parou, no entanto, durante a Feira. É que as obras prosseguem em vários pontos do município. Tanto no setor das estradas — das quais é amostra a ligação entre a sede e Cintra Pimentel, que é também o rumo de Mato Grosso, mais adequado, segundo os líderes regionais — onde há uma rede de 300 quilômetros para conservar e sofrer mudanças de traçado para melhor cumprir função econômica como em outras atividades públicas. A água, por exemplo, à qual o prefeito deu prioridade, abrindo, através da CODEL (Companhia de Desenvolvimento de Loanda), três poços semi-artesianos e processava-se, a essa época, a ligação entre o Reservatório Elevado e o semi-enterrado. Preve-se, segundo o diretor da CODEL, sr. Jean Nojain, um aumento de produção da ordem de 200 mil litros e com o poço da rua Ribeirão Preto na Vila Nova haverá acréscimo de 300 mil litros. Proceder-se a remodelação da rede como ocorre no encontro das ruas Porto Alegre e Avenida Munhoz da Rocha.

O que se faz no setor do ensino acompanha o ritmo da ação na infra-estrutura: dois modelares grupos escolares «Afonso Camargo» e «Paraná» com mais de 2 mil alunos, o ginásio estadual com 580 alunos, o Colégio Comercial Estadual, com 95 alunos e a Normal Secundária com 85 matrículas, o Educandário Santa Edvirges (religioso) tem 207 alunos no curso primário. Há, ainda, nas numerosas escolas isoladas 2.300 matrículas.

Avenida Brasil, "fronte" da luta contra o inimigo silencioso que engole avenidas e casas no noroeste, mas que está sendo enfrentado corajosamente na administração Francisco de Assiz Pinheiro. A fábrica de tubos não cessa de produzir material para o combate à erosão urbana. Mais de três mil já foram assentados. Depois virá o asfalto.

Aforá isso há no setor sanitário, além do posto de saúde, vários hospitais, muito bem equipados, um dos quais a Casa de Saúde e Maternidade Santa Catarina dos médicos Ugo e Flávio Accorsi é uma das mais completas de todo o Estado com 45 quartos, 4 apartamentos, laboratórios, salas cirúrgicas, raios X.

«Tudo isso» — explica o prefeito — «que fazem o poder público do Estado e do Município, e o empreendimento particular explica o alto grau de polarização exercido por Loanda, abrangendo vastas áreas do noroeste e também de Mato Grosso».

O prefeito Francisco de Assiz Pinheiro está consciente da força polarizadora de Loanda. Conhece a gravidade dos problemas criados com a transformação da estrutura econômica tradicional da lavoura para a pecuária. Porisso juntamente com os líderes das classes empresariais empenha-se em definir as diretrizes industriais que devam ser adotadas para evitar desequilíbrios entre os fatores de produção. A transformação dos produtos agropecuários é a vocação industrial mais imediata. E há empresários atraídos para a implantação de frigorífico de porte, bem como de unidades menores para a transformação de matérias-primas agrícolas. Contatos com a Codepar têm se desenvolvido frequentemente com o propósito de obter uma definição adequada para a economia loandense, questões enfatizadas ainda recentemente em seminário com empresários de todo o norte promovido por aquela organização de economia mista.

Com a produção total do 3 poços semi-artesianos e a ligação entre o reservatório elevado e o semi-enterrado o problema da água está praticamente solucionado. Já existem 1.200 ligações. Na segunda foto, operários da Prefeitura no combate à erosão.





A cidade ganhou um modelar grupo escolar construído pelo município em convênio com a União com o que atenderá às necessidades da sede que já conta com quase 2 mil alunos no curso primário. Loanda, porém, não pára: quer o curso científico para 1968.

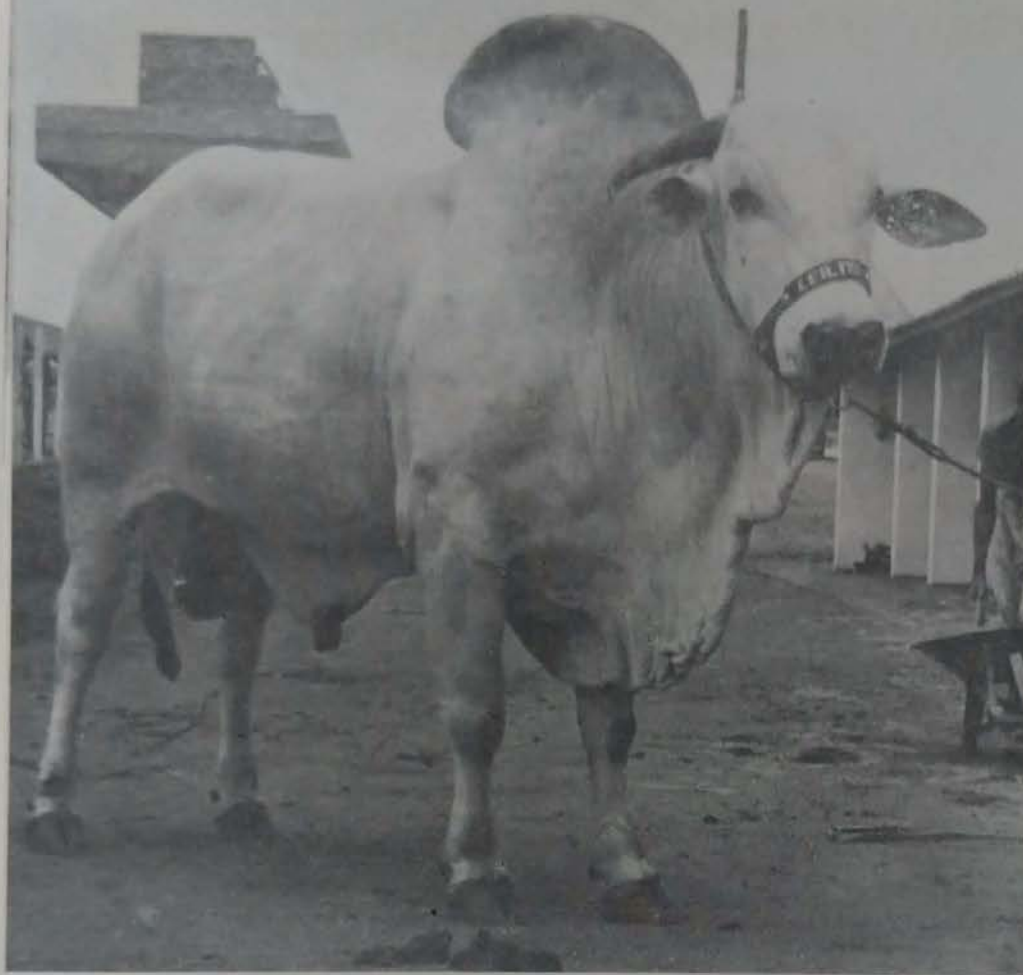
TODOS OS FATORES SE
COMBINAM PARA
TRANSFORMAR A
CIDADE NUMA GRANDE
METRÓPOLE E O
MUNICÍPIO EM CELEIRO
DA REGIÃO



Jorge Pereira e Tenente Petrônio Cordeiro implantaram o escotismo em Loanda, hoje uma atração nos desfiles.

Mais de 100 mil cruzeiros novos foram aplicados em terraplenagem no setor rodoviário. A ligação Loanda—Cintra—Pimentel, via básica com 23 quilômetros, é também, como o Parque, uma demonstração da capacidade de mobilização loandense pelo recorde de tempo em que foi construída. Os empreendimentos da Prefeitura valorizam os recursos naturais da região exemplificados nos detalhes de uma excelente pastagem. As condições favoráveis à pecuária são de tal ordem que o sul de Mato Grosso está fortemente polarizado pela região. **SEGUE**





Leilão, o campeoníssimo Nelore, de Pôrto Rico: engordou 83 quilos em 9 dias. Fórmula: o tratamento da Feira, o ar, a água e o pasto de Loanda.

“LEILÃO” NA BOIADA FOI O REI

As feiras paranaenses sempre tiveram no touro Ricardo a sua vedeta, a expressão mais alta do processo de seleção dos rebanhos paranaenses. Pois em Loanda um nelore é o rei: o touro «Leilão», filho de Egípcio, campeão nacional. Foi campeão senior da raça, acabou se transformando em mito, não só pela beleza do seu porte monumental, mas ainda por ter servido de exemplo da qualidade da água e da ração fornecidas, bem como do ambiente de Loanda para a pecuária: engordou 83 quilos em 9 dias!

A notícia do ocorrido surpreendeu os criadores que a atribuíram a vários fatores, todos de qualquer maneira funcionando como elemento promocional das condições excepcionais do meio do noroeste para a pecuária e do tratamento racional, posto em prática no recinto da mostra, o que é evidência também do alto padrão

técnico alcançado nas técnicas de criação locais.

Esse acontecimento e tantos outros mais provocaram um interesse inusitado em torno das terras e do gado de Loanda. Assim, além das transações havidas nas aquisições de reses, houve também muita compra de terras.

A ativação do mercado local, indiretamente, se processou com a movimentação do equipamento hoteleiro e de transportes, da frente de trabalho aberta com a construção e o funcionamento do parque. Também alguns produtos expostos nos estandes comerciais e industriais determinaram compras como é o caso dos móveis tubulares.

Afora esses benefícios para a comunidade local, houve o intercâmbio de técnicas e conhecimentos entre os criadores de várias regiões brasileiras.

Primeira vez que se exigiu rigor com as vacinas

Se a odisséia da construção do parque surpreendeu o povo, muito mais se deve dizer da mostra que superou a mais otimista das expectativas. Expositores da Bahia, Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e do norte e noroeste paranaenses participaram com mais de 300 animais. Todos são unânimes em afirmar que como primeira mostra nunca se viu nada parecido no País. Um detalhe desde logo se ressalta: a exigência de atestados de vacinação contra brucelose e aftosa, o que também, pelo rigor adotado, foi um trunfo a mais da mostra de Loanda e que constitui exemplo dos mais edificantes.

Até o dia 8 de dezembro — embora a exposição tivesse sido encerrada no dia 3 — ainda havia animais expostos no recinto do parque da I Exposição Agropecuária do Noroeste Paranaense. E isso acontecia por solicitação dos pecuaristas ante o excepcional movimento de venda de gado, que rendeu mais de 200 milhões de cruzeiros, a maior parte financiados pelos Bancos do Estado, do Brasil, Brasileiro de Descontos e Mercantil e Industrial do Paraná. Mais de um terço dos animais expostos foram negociados, o que traduz um record, um feito que faz, desde já, de Loanda e de sua Feira um centro pecuário de primeira grandeza.

MOBILIZAÇÃO FOI GERAL

A Feira mobilizou a liderança de Loanda. Do prefeito ao mais humilde funcionário municipal, do empresário ao trabalhador, todos atuaram direta ou indiretamente para que o êxito fosse alcançado. Vereadores, pecuaristas e homens do comércio e da indústria viram no empreendimento uma forma de traduzir o estágio de desenvolvimento econômico e social da região. Daí o entusiasmo que contagiou a cidade e a certeza de que em 1968 a mostra será superior à deste ano.

A comissão organizadora, presidida por Manoel Ferreira do Valle e secretariada pelo jornalista Francisco Soares, era integrada por Ivo Fabrício de Moraes, José Epifânio de Oliveira, Athos Accorsi e Manoel Ortiz. A comissão de julgamentos esteve composta por João Campinha Garcia Cid, Celso Villela de Andrade, Lemir Duarte e Mauro Conrado Mesquita.

Por que é vantajoso investir em Loanda

Por que o Estado deve investir em Loanda? Pela mesma razão que leva o empresário a fazê-lo: o potencial econômico e humano da região justifica o desenvolvimento de qualquer empreendimento, novo ou ligado àquilo que está na tradição como a produção agropecuária e uma industrialização baseada no beneficiamento das matérias-primas locais ou que visem atender aspirações crescentes de consumo. A administração está planejando uma infraestrutura respeitável, quando se empenha nos serviços de combate à erosão, movimentando a fábrica de tubos da Prefeitura; quando ataca, em ritmo corajoso, obras como as do abastecimento de água, estradas e ensino.

O prefeito briga pela cidade antes de ser eleito! O vereador Narciso D'Avis — que já foi presidente (1 vez) e 3 anos secretário da Câmara — acha que com Assiz, Loanda começou propriamente sua

decolagem. E revelou o quanto se bate para obter recursos estaduais e federais para obras e serviços.

Provavelmente Loanda passará a receber no início de 1968 energia do sistema interligado com São Paulo. Assim haverá oferta de energia, a preço mais acessíveis que decorrem da geração térmica. As rendas municipais são elevadas: até novembro haviam sido arrecadados mais de 400 mil cruzeiros novos e a previsão total era de 470 mil, que foi ultrapassada. Esse dinheiro a comunidade, através da Prefeitura, o aplica bem.

Mas o Estado arrecada bem em Loanda? Em todo o exercício de 1967 não houve um só momento em que as rendas estaduais tivessem caído em relação às do ano anterior. No final há um superávit de quase 300 mil cruzeiros novos. Vejamos o quadro comparativo da arrecadação estadual até outubro:

Mês	1966	1967	Superávit
Janeiro	31.773,77	83.933,03	2.159,26
Fevereiro	25.677,51	50.048,01	24.370,50
Março	26.730,76	53.322,53	26.591,77
Abril	30.750,79	55.630,74	24.879,95
Maior	31.324,13	53.324,54	22.000,41
Junho	35.552,79	37.187,02	1.564,23
Julho	37.338,97	53.186,34	15.847,37
Agosto	47.585,68	49.801,38	2.215,70
Setembro	55.742,75	70.209,23	14.466,48
Outubro	51.191,09	92.303,24	41.112,15

O governo tem boa presença em Loanda. O nome do governador não foi dado ao Parque por acaso: tratava-se da homenagem a quem reabilitou a pecuária no Paraná e a quem faz um governo dinâmico e jovem. Mas a cidade quer coisas básicas: como por exemplo o das comunicações. Frise-se, aliás, que a Prefeitura vai aplicar 45 mil cruzeiros novos para construir um prédio destinado à Telepar que instalará equipamento telefônico interurbano, dispendendo a empresa de telecomunicações cerca de 300 mil cruzeiros novos. Isso somado ao espírito de liderança na comunidade, os bons serviços implantados (casas de saúde modelares, posto de puericultura, boa rede de ensino) dão meios para um salto espetacular que mude as estruturas da economia regional. Potencial humano, então, é o que há de sobra.

Prova-o a sua agricultura fabulosa, segundo dados deste ano: 500 mil sacas de café em côco; 100 mil sacas de milho; 150 mil arrobas de algodão; 10 mil sacas de feijão; 10 mil sacas de arroz; 3 mil sacas de mamona; 10 mil sacas de soja. Tudo isso numa cidade de 12 anos com 22 mil habitantes, dos quais apenas 9 mil moram na sede, sendo que o setor economicamente ativo aí se dedica a serviços públicos, aos bancos e ao comércio, bem como ao parque industrial que começa a despontar. E lembre-se que aqui não falamos em pecuária, outro «forte».

Bóia parte da área central já conta com calçamento e o asfalto virá para completar os serviços básicos feitos e dar melhor caracterização urbana a uma cidade de tanto progresso.



O documento era de extrema simplicidade. No artigo primeiro estava escrito: «Fica concedido o título de cidadão honorário do Paraná aos senhores Gastão de Mesquita Filho, Cássio Vidigal e Hermann Moraes Barros». Os outros dois dispositivos eram de ordem regimental. Os homenageados na 329ª sessão solene da Assembleia Legislativa do Paraná eram igualmente simples e comedidos em suas palavras. E entre os que assistiam à solenidade poucos sabiam que

ÊSTES HOMENS CONSTRUÍRAM O NORTE DO PARANÁ

Os três poderes do Estado estiveram representados na solenidade: o governador Paulo Pimentel, o des. Paula Xavier e o dep. João Mansur, além de outras personalidades.



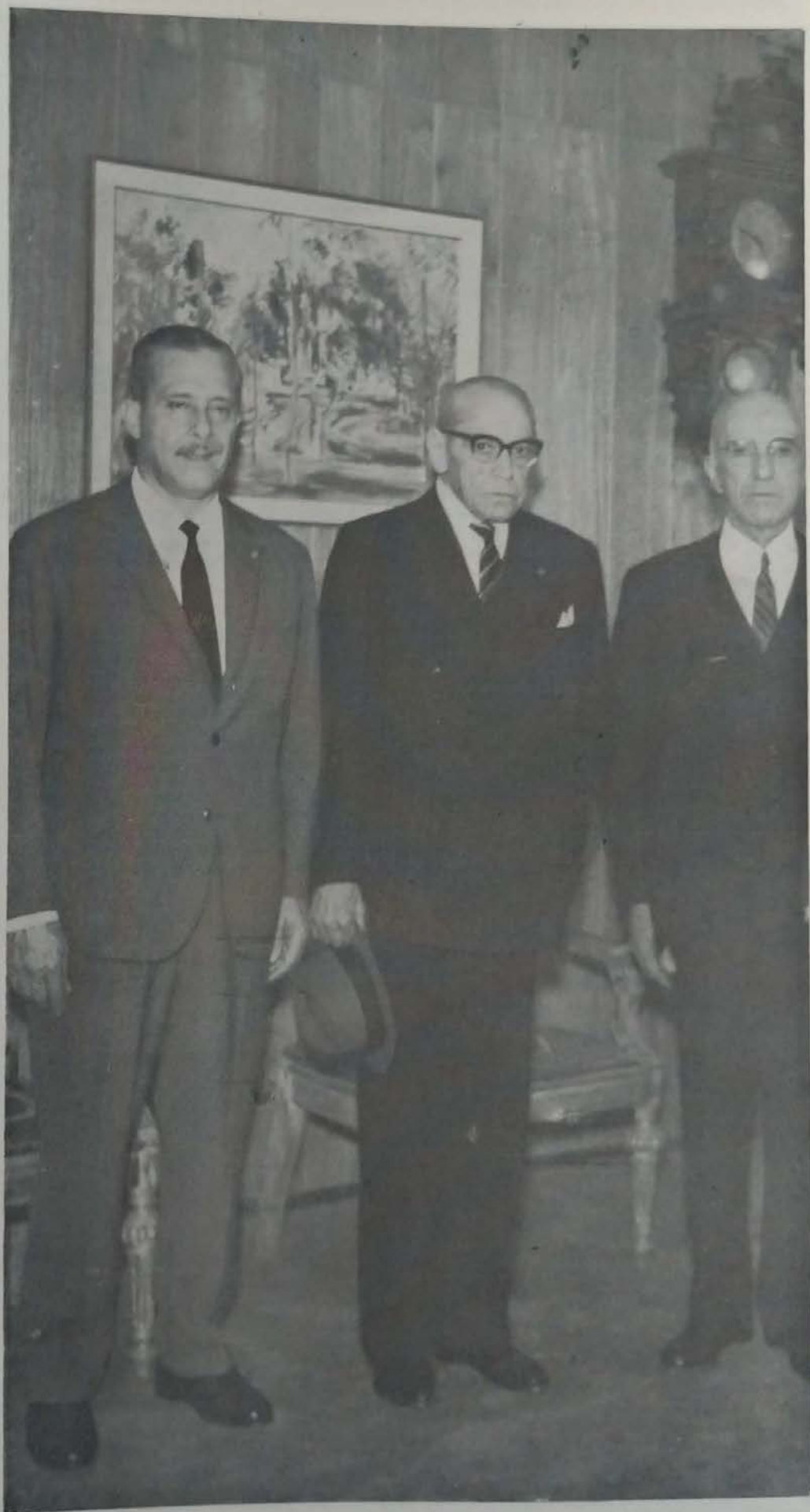
O deputado Sílvio Barros, líder do MDB e maringãense por merecimento e adoção, foi o autor do projeto de lei pedindo o título de cidadão honorário para Gastão de Mesquita Filho, Cássio Vidigal e Hermann Moraes Barros, diretores da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Na justificativa não usou muitas palavras. Limitou-se a anexar o número de maio último desta revista, onde foi feito um levantamento do trabalho da Companhia Melhoramentos no Paraná e lançada a idéia de prestar uma homenagem definitiva a seus diretores.

Era a melhor maneira que tinha o Paraná de agradecer àqueles que lutaram e trabalharam pela criação de 63 cidades, onde vivem mais de 1.500.000 pessoas, na região mais rica do Estado. Foram eles que ajudaram a construir ali a pujança econômica do Paraná, expressada por mais da metade do total de depósitos bancários feitos no Estado e por dois terços de sua produção agrícola.

Mas, o maior mérito de seu trabalho à frente da Companhia Melhoramentos — conforme ressaltou em seu discurso de saudação o deputado Sílvio Barros — foi o de «atender às disposições que disciplinam a ação das companhias colonizadoras, cumprindo na íntegra o plano geral elaborado para a ocupação da região norte». Para os que conhecem o problema da colonização é fácil entender as tentações de lucro fácil superadas pela Companhia Melhoramentos, que ainda hoje mantém reservas florestais e áreas urbanas e rurais, em vez de transferir com maiores vantagens seu patrimônio aos especuladores imobiliários, como ocorreu em outros pontos do Brasil.

Por tudo isso, lá estavam na Assembléia Legislativa, para entregar os títulos de cidadão honorário, o governador Paulo Pimentel, o desembargador Paula Xavier, presidente do Tribunal de Justiça, e o deputado João Mansur, presidente da Assembléia Legislativa. Os três poderes se uniram para dar à homenagem aquele caráter de unanimidade que teve início quando o projeto de lei foi apresentado pelo líder do MDB e aprovado por unanimidade pelos deputados da Arena. Era a autêntica homenagem do Paraná aos homens que o ajudaram a crescer e tornar-se um dos mais importantes Estados da Federação brasileira.

SE GUE



Os novos cidadãos honorários do Paraná, quando recebiam as homenagens de autoridades e amigos, no Salão Nobre da Assembléia Legislativa.



Familiars dos homenageados estiveram presentes à cerimônia.

DISSE HERMANN MORAES BARROS QUE A HISTÓRIA DA COMPANHIA MELHORAMENTOS CONFUNDE-SE COM A PRÓPRIA HISTÓRIA DO PARANÁ

Na verdade, a história da Companhia Melhoramentos confunde-se com a própria história do Paraná. Como lembrou seu diretor, sr. Hermann Moraes Barros, a companhia «caminhou a passos seguros, de mãos dadas com o povo paranaense, podendo apreciar ao desabrochar de toda uma vasta região, cujas florestas se transformaram em campos verdejantes de cafeeiros e das mais variadas culturas».

Sob aplausos, o sr. Hermann Moraes Barros prosseguiu afirmando que «aqui foi encontrada a verdadeira solução democrática com igualdade de oportunidades, de braços abertos para todos os que desejas-

sem trabalhar harmonicamente, vendo no semelhante o companheiro e irmão a quem ajudará sempre que possa e onde encontrará ajuda sempre que necessite».

E mais: os governos paranaenses, desde Caetano Munhoz da Rocha, sempre compreenderam e apoiaram decididamente os planos de colonização inicialmente elaborados pelos ingleses, tendo à frente Lord Lowat. «O atual governo — frisou o sr. Moraes Barros — encontrou na figura moça e entusiasta do governador Paulo Pimentel o mais legítimo representante da livre empresa, consagrando-se administrador moderno e homem público capaz de

acompanhar o vertiginoso desenvolvimento que impulsiona o mundo de nossos dias. Seu dinamismo contagiante mobilizou todas as forças vivas do Estado, que assim avança, irresistivelmente, em todos os setores e em todas as atividades, de forma harmoniosa e equilibrada».

Ao lado de Lord Lowat, os novos cidadãos honorários do Paraná fizeram questão de destacar outras eminentes figuras da epopeia colonizadora, como Arthur Thomas, Erasmo Assunção, Antonio Carlos Assunção, Charles Murray, os advogados Antonio de Moraes Barros e Laurentino de Azevedo (aos quais se devem os estudos e a formulação da parte dominial das terras e a constituição da Companhia de Terras Norte do Paraná), João Sampaio, Gastão Vidigal, Fábio da Silva Prado, Silvio de Bueno Vidigal e todos os funcionários da Companhia.

E, através do sr. Hermann de Moraes Barros, os diretores da Companhia Melhoramentos, desejaram reafirmar sua fé nos destinos do Paraná. «A natureza foi pródiga em aquinhoar seu território com terras férteis e climas diversos que possibilitam as mais variadas culturas. Seus mananciais de energia hidrelétrica são praticamente inesgotáveis, seu subsolo guarda ainda riquezas minerais inexploradas. Sua evolução social e política o coloca à frente da onda desenvolvimentista que sacode o país de norte a sul. Já ensaia promissora passos seguros na industrialização, avançando célere para uma posição de indiscutível relevo. Só tem motivos para confiar em sua crescente expansão. Seu trabalho expande-se em todas as direções, incorporando, a cada momento que passa, novas atividades e novas fontes de renda, como o atesta o progresso vertiginoso de sua formosa capital. Cabe-lhe, por isso, indiscutível papel nos conselhos nacionais, defendendo e propagando o desenvolvimento e o progresso através da livre iniciativa. Os homens do Paraná devem ser os arautos dessa política verdadeiramente democrática, único caminho para a definitiva emancipação política e econômica do Brasil».

O sr. Hermann Moraes Barros faz o discurso de agradecimento em seu nome e dos demais diretores da Companhia Melhoramentos.



Os novos cidadãos honorários são bem conhecidos dos paranaenses. O sr. Hermann Moraes Barros, nascido em São Paulo, em 1907, tem presença destacada na vida política e econômica da Nação desde 1932, quando tomou parte em todos os trâmites preparatórios que redundaram no Movimento Constitucionalista. Aliado ao grupo de civis e militares liderados pelo mal. Cordeiro de Farias, que se dispunha a lutar para impedir a bolchevisação do Brasil, depois de 1961, assumiu importante comando no dia 31 de março de 1964. Já em 1947 organizava uma empresa construtora em Maringá, tendo, dois anos depois, assumido o cargo de diretor-gerente da então Companhia de Terras Norte do Paraná, hoje Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, onde dedicou seus esforços para levar suas estradas além de Maringá até o Rio Paranapanema. Igualmente colaborou na criação dos hortos florestais da Companhia, em Maringá e Jussara, determinando estudos e experiências ligadas ao reflorestamento na região. Faz parte da diretoria do Banco Federal Itaú de Investimentos e da Companhia de Cimento Portland Ponte Alta.

O sr. Gastão de Mesquita Filho, nascido em 1895, da mesma forma, participou da Revolução Constitucionalista de 1932 e mais tarde colaborou em postos de responsabilidade no governo Armando Salles de Oliveira. Em 1936, organiza a Empresa Elétrica de Londrina, em colaboração com Rolando da Fonseca Brabozon Davido. Em 1943 procurou seu saudoso amigo Gastão Vidigal com o qual organizou um grupo de capitalistas que tornou possível a aquisição da Companhia de Terras Norte do Paraná e da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, dos ingleses. Procurou estabelecer uma fábrica de cimento na região norte do Paraná, que resultou na criação da Companhia de Cimento Portland Maringá. Foi ele que orientou a política da companhia, no sentido de levá-la a substituir o antigo nome pelo atual. Ocupa, ainda, postos de direção no Banco Mercantil de São Paulo, na Companhia Luz e Força Santa Cruz, na «A Marítima» de Seguros e na Companhia de Cimento Portland Ponte Alta.

O sr. Cassio da Costa Vidigal, nascido em 1894, formou-se engenheiro pela Escola Politécnica em 1917, participando de postos no governo estadual e de empreendimentos organizados por seus irmãos. Em 1934 foi indicado pelo Congresso do Partido Constitucionalista, sendo eleito deputado estadual à Constituinte de 1935 e à Assembléia Legislativa de 1935-37. Teve oportunidade de dirigir firmas comerciais, industriais e bancárias, principalmente nos ramos imobiliário, textis e de eletricidade. Foi fundador e diretor da Sociedade Construtora e de Imóveis, posteriormente transformada no Banco Paulista; da Construtora e de Imóveis São Paulo; foi gerente-geral da Sociedade Técnica e Comercial; gerente da Sociedade Imirim; diretor da Sociedade Paulista de Pedagogia. A partir de 1944 foi diretor-presidente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, onde participou da fundação de Maringá, inaugurada em maio de 1947.



Gastão Mesquita F.^o recebe cumprimentos do gov. Paulo Pimentel.



Foi um momento de emoção a entrega do diploma ao sr. Cassio Vidigal.

A FESTA DE HOMENAGEM DO PARANÁ AOS PIONEIROS DA EPOPÉIA DO NORTE DO ESTADO CONGREGOU POLÍTICOS, HOMENS DE EMPRESA E FAMILIARES DOS HOMENAGEADOS EM UMA DAS MAIS BRILHANTES SESSÕES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PARANAENSE

Deputados de todas as correntes políticas apoiaram unanimemente a homenagem prestada aos diretores da Companhia Melhoramentos.



Se há cidade que traduz o espírito de integração do Nôvo Paraná por vincular-se ao mesmo tempo com o sul, o norte e o noroeste é Apucarana. Essa vocação de unir está na raiz de sua predestinação histórica e de sua localização estratégica. Em 1943, quando se tornou município, recebia os trilhos da estrada de Ourinhos a Guaira que tem hoje o seu terminal provisório em Jussara. No ano que vem, quando completar 25 anos, a Central estará bem adiantada e a cidade que ainda vibra com a ligação da Estrada do Café pretende fazer dessa conquista paranaense uma de suas aspirações básicas, porque afinal o

DESTINO DE APUCARANA É INTEGRAR

Quando os trilhos da Estrada de Ferro Central do Paraná ligarem Apucarana a Ponta Grossa — via estratégica do sistema ferroviário regional — ambas as cidades verão consolidadas a função comum de entroncamento rodoferroviário que as caracteriza. Mas Apucarana estará igualmente equipada para a sua função integradora como elo de três regiões geo-econômicas distintas, pois até lá o seu Plano de Desenvolvimento, já concluído e com algumas das suas medidas em execução, terá proporcionado à cidade e à região que polariza novas perspectivas de expansão sem distorções.

O prefeito Saul Guimarães da Costa fala com orgulho desses planos que ele ajuda a implantar desde os primeiros entendimentos com a CODEPAR e o DATM para que a Comissão de Desenvolvimento Municipal — CODEM — fizesse os levantamentos, o diagnóstico e indicasse soluções para os problemas de desenvolvimento econômico e social.

— O principal achado que foi conseguido: o ideal da participação comunitária. A todas as classes os técnicos levaram a debate os problemas encontrados e as soluções apontadas. O plano que daí nascer poderá ser acusado de imperfeito — e ha-

verá sempre a possibilidade de correções — mas jamais de ter saído de gabinetes técnicos fechados. Dividimos amplamente as nossas responsabilidades com o povo. E é da essência do plano que essa vinculação se mantenha permanente nas fases de implantação e consolidação das medidas indicadas.

Apucarana está em ebulição, mantém-se impressionada com a gravidade dos seus problemas levantados em reuniões e seminários, mas há em todas as categorias — do empresário ao trabalhador, do fazendeiro ao estudante — uma disposição enorme, e bem orientada, para enfrentá-los.

SANEAMENTO, TUDO EM PEDRA E CAL

Além do reservatório elevado, esteticamente inclusive uma das melhores obras do gênero no Estado, com capacidade para 200 mil litros, a Companhia de

Desenvolvimento de Apucarana, geridora do Fundo Municipal de Saneamento, aparece em outros «fronts» como o dos reservatórios subterrâneos (concluiu o do Mercado) e atualmente se concentra

no último deles com capacidade para 700 mil litros com o que atenderá o abastecimento urbano por cinco anos. Nas fotos

ao lado aspectos das solenidades, aparecendo o sr. Murilo Sales Corrêa, diretor-técnico da CODAP, e o prefeito Saul Guimarães da Costa colocando a pedra fundamental de um dos reservatórios subterrâneos.

SEGUE





Apucarana, uma cidade-legenda que melhor traduz os anseios gerais de integração paranaense.

AMOSTRAS DO PLANO

A forte polarização exercida por Apucarana sobre uma área de 16 a 26 municípios, seja como centro comercializador e industrial, como prestador de serviços e por sediar numerosos organismos regionais, tende a acentuar-se com a Central do Paraná. Estão, por exemplo, na área de influência os municípios de Marilândia do Sul, Borrazópolis, Bonsucesso, Califórnia, Cambira, Faxinal, Ivaiporã, Jandaia do Sul, Jardim Alegre, Kaloré, Manoel Ribas, Marumbi, Rio Bom, São João e São Pedro do Ivaí, com área de quase 7 mil km² e uma população estimada em 353 mil habitantes. Pois os planos foram elaborados com vista a esses fatores para que os equipamentos urbanos da cidade se prestem adequadamente a suas funções, tanto na sede como na periferia, e sejam fixadas igualmente as responsabilidades comuns no sistema viário intermunicipal.

Entre as indicações principais do estudo se destaca a referente ao deslocamento do tráfego pesado. Em 1965 uma estatística do DER apurou o seguinte movimento médio para 24 horas em sentido único:

Apucarana-Maringá: 3.369 veículos;
Apucarana-Londrina: 3.053 veículos;
Apucarana-Curitiba: 1.648 veículos.

Já uma estatística da empresa Kamsax (dinamarquesa), feita para o GEIPOT em convênio com o Banco Mundial dá os seguintes resultados para 1965 (só caminhões):

Apucarana-Maringá: 2.125;
Apucarana-Londrina: 2.010;
Apucarana-Califórnia: 930.

Um levantamento de campo em 1967 feito em horas alternadas e em época anterior à comercialização da safra cafeeira registrou das 12 às 13 horas, das 17 às 18

horas e das 7 às 8 horas: 1.014 de/ou para Londrina, 852 de/ou para Maringá e 603 de/ou para Curitiba.

A Kamsax prevê para 1976, transitando por Apucarana, 20.758 veículos, mesmo que executadas ligações diretas entre Maringá e Londrina e entre Londrina e Mauá, que absorveriam outros 20.728 veículos. Como inexistia um sistema de circulação capaz de desviar o tráfego pesado do centro, o fato assume proporções gravíssimas com o atrito permanente entre os tráfegos urbano e rodoviário, especialmente nos acessos à cidade e na confluência da Avenida Curitiba e da rua Marilândia com a Praça Manoel Ribas. A solução indicada: na primeira etapa é prevista a duplicação da pista da rua Minas Gerais que, futuramente, passará a ser avenida urbana, além de coletora das vias de penetração dos bairros; na segunda etapa o tráfego pesado seria desviado através de uma via paralela à estrada de ferro, sem excessivos cruzamentos. Já a solução, para futuro remoto, estaria na construção de anéis rodoviários.

Rezonear é meta

Pelo exemplo aludido se vê como funciona o Plano que está sendo implantado. Ainda com referência ao planejamento físico um fenômeno preocupou bastante os analistas: a baixíssima percentagem de ocupação da área urbana — 29,11 habitantes por hectare, quando a média ideal seria da ordem de 125 habitantes — que aumenta consideravelmente os custos sociais das obras públicas. Pois o adensamento da área urbana é uma das diretrizes fundamentais do plano. O centro comercial será revitalizado, perdendo a atual característica de grande extensão linear e baixa densidade de ocupação. Calculou-se a mais alta densidade no centro — 300 habitantes por hectare na Zona Comercial 1 e 200 hab/ha na ZC-2. Isso tudo constará da política de zoneamento que definirá os usos. As densidades previstas — a mais baixa na Zona Residencial 1 será de 100 hab/ha (residências unifamiliares ou bifamiliares ocupando até $\frac{1}{3}$ do terreno e com área não superior a $\frac{2}{3}$ do lote — indicam uma verdadeira revolução nos processos de ocupação.

A carência de áreas verdes e de pontos de recreação é cuidada com carinho no esquema de trabalho. Das 18 praças com áreas destinadas, apenas 4 se encontram urbanizadas efetivamente, todas concentradas no espigão central. Incluindo-se os espaços livres dos clubes recreativos e das escolas, a área verde não chega a corresponder a 4,4% do perímetro. Pretende-se ampliar a política atual de arborização, o funcionamento efetivo do bosque municipal e também de um horto. O zoneamento industrial é previsto para a área sul e ao longo das principais saídas da cidade, sendo aí vedada a construção de fábricas de materiais explosivos e inflamáveis. Por sinal que o problema da implantação de

uma unidade de Corpo de Bombeiros é tratada em detalhes, sugerindo-se que tal serviço tenha alcance intermunicipal.

Afora essas amostras, o plano ingressa também nos setores econômico e social e propõe, após uma análise dos problemas encontrados, soluções para questões ligadas ao processo de industrialização, racio-

nalização da agricultura, comercialização, ensino. Por sinal que as indicações no sentido de criar estímulos para a industrialização vieram demonstrar compatibilidade perfeita com o que pensa o prefeito que já está se comunicando com classes interessadas, oferecendo vantagens fiscais e área para implantação industrial.

O QUE ESTÁ SENDO FEITO

«A primeira preocupação é a casa. Tanto para o homem no grupo social como para a administração da cidade. Daí porque partimos para a edificação de prédios adequados para a Câmara (onde o Executivo está provisoriamente instalado) e a Prefeitura. Já terminamos o prédio da Câmara e a construção do Paço Municipal prossegue normalmente.»

Saul Guimarães da Costa fez essa obra no tempo record de oito meses e quando empreendeu a primeira reforma administrativa só pretendia implantá-la com os organismos administrativos funcionando em instalações adequadas.

«O procedimento com relação ao Plano de Desenvolvimento será idêntico: queremos ter alguma base infraestrutural e técnica para aspirar esse salto para formas superiores de organização. O próprio diagnóstico mostrou que a composição humana dos quadros administrativos é suficientemente jovem e aberta a novas técnicas. Pretende agir cautelosamente e evitar que o encaminhamento do Plano possa sofrer qualquer distorção por via emocional.»

Embora em disponibilidade inferior às dimensões das primeiras etapas da implantação do Plano, há recursos da ordem de cerca de 4 milhões de cruzeiros novos para este exercício. No ano passado a arrecadação chegou à metade disso: NCr\$...

1.984.298,37, sendo que 839.721,52 só de ICM. Há quase 500 mil cruzeiros novos inscritos em Dívida Ativa.

Por sinal que organizar as finanças foi uma imposição das exigências crescentes de Apucarana e além das melhorias na parte de pessoal, o prefeito renovou o equipamento para racionalizar os sistemas de lançamento e contabilização: 4 máquinas somadoras elétricas e uma analisadora de receita foram adquiridas. O setor que recebeu mais investimentos foi o de Viação (712 mil), seguido pelo de Educação e Cultura (181 mil).

Uma iniciativa que bem define o anseio de atualização, muito antes de ser cogitado qualquer debate em torno de plano diretor, foi a instituição da CODAP, Companhia de Desenvolvimento de Apucarana (a Prefeitura subscreeu 26.676 ações) e a criação da Comissão de Planejamento Municipal. A CODAP tem cabido na primeira etapa o ataque aos problemas de água e esgotos, devendo ampliar seu campo de ação como órgão de administração descentralizada para outros setores. Ainda por ocasião das festas do 24º aniversário, a 28 de janeiro, inaugurou o moderno reservatório elevado, obra de sua administração através daquela empresa. Realizou, também, o reservatório subterrâneo com capacidade de 30 mil litros no Mercado.

SEQUE

A Prefeitura atualmente funciona no prédio da Câmara, enquanto a sede definitiva não fica pronta. Nessas obras do Centro Cívico, o governo da cidade põe toda ênfase possível desde a sua posse.



O QUE FOI O ÚLTIMO EXERCÍCIO

Asfaltou no exercício passado mais 20.222 m², atacando principalmente as ruas Firman Netto, Bandeirantes, Manoel G. Costa, Maristela, Morretes, Ouro Branco, Paranavai e Ponta Grossa. Para este ano pretende ampliar bastante a área de asfalto. Aplicou 7.000 m² de paralelepípedos (só no Distrito de Pirapó calçou uma faixa de 3.800 m²). Fêz ainda 4.410 m² de meios fios simples e 2.950 metros lineares de meios fios com sarjetas.

Foram alargados e recuperados 59 quilômetros de estradas, construídas oito pontes (uma delas em cooperação com a Prefeitura de Mandaguari sobre o rio Eldorado) e 14 boeiros (só na estrada de Barra Nova 32 tubos foram empregados). A guerra contra a erosão prosseguiu nos pontos mais críticos das vilas Brasil, Apucarantina, Regina, avenida Minas Gerais e Hórto Municipal, com aterros, muros de arrimo e caixas de dissipação de energia. No setor de praças construiu a John Kennedy, calçou a Rui Barbosa e recuperou a fonte luminosa da Manoel Ribas.

Menor não foi o empenho no setor do ensino, responsabilizado que está pela maioria das unidades primárias existentes. Além do empenho de atualizar os métodos didáticos e de atualizar o professorado rural (10 reuniões pedagógicas foram levadas a efeito com esse objetivo), manteve estreitos vínculos com a ACARPA visando a implantação dos Clubes 4 S e a difusão de técnicas agrícolas rentáveis e igualmente de economia doméstica. Construiu mais 5 unidades e reformou 50 das existentes. Um dos orgulhos de Apucarana é o fato de a cidade ter constituído uma exceção no Estado, onde foram devastadores os índices de aproveitamento escolar. Houve um registro de 76% de aprovações quando a média do Estado ficou em 50%.

Para que a administração alcançasse tão efetivos resultados foi necessário ampliar a frota de veículos e de maquinário. 4 caminhões Ford, perua, pick-up, caçamba, coletora de lixo, carroceria tanque e um trator Massey Ferguson foram adquiridos.

ACENTUAR A POLARIZAÇÃO

«Uma de nossas preocupações tem sido ampliar a polarização exercida por Apucarana sobre a região. De fato, afora os fatores ligados ao entroncamento rodoviário, a sede do quartel da 4ª Companhia do 13º RI e de vários órgãos regionais, temos procurado acentuar tal tendência. Isso ocorreu com a instalação do 18º Distrito Rodoviário e agora acontecerá com mais os seguintes, para o que providenciamos as áreas específicas: Mitra Diocesana (construção da Igreja e nova paróquia no Jardim Diamantina), seis datas para a central preparadora do Serviço de Acôrdio de Classificação, doações para IBC e Instituto Nacional da Previdência Social.»

INDUSTRIALIZAÇÃO, A AMBIÇÃO MAIOR

Apucarana pretende industrializar-se e precisa jogar nesse campo uma política imaginosa. Resulta daí o fato de estarem circulando em publicações técnicas — revistas dirigidas a empresários — anúncios revelando as facilidades que Apucarana oferece: terreno, isenções fiscais. Ainda no ano passado, a Prefeitura doou imóvel para a Estrutura e Artefatos de Metais Planalto Ltda. implantar a fábrica de estruturas metálicas e esquadrias de alumínio.

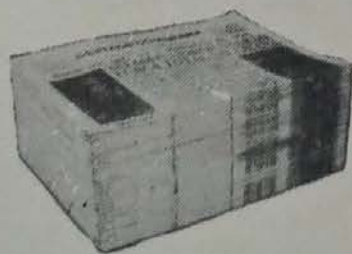
«O Plano de Desenvolvimento é que vai ditar, sistematicamente, a estratégia de Apucarana. Temos a vocação de polarizar e de integrar. Apucarana não constitui uma ilha, mas um fenômeno urbano, social e econômico com linhas bastante comuns à região. O plano enxerga a região e está encarado, na medida do possível, dentro de perspectivas paranaenses e brasileiras. Nêle há vários objetivos que de certa forma estamos atacando e o da industrialização já conquistou tôdas as áreas da comunidade.»

Em sua administração, o prefeito de Apucarana teve atuação destacada no setor do ensino e deu ênfase à parte rural, construindo 15 unidades e recuperando 50. O equipamento da Prefeitura é excelente. A pá carregadeira Massey-Ferguson funciona ao lado do trator, dos caminhões (4 adquiridos no último exercício), dos veículos leves e outros equipamentos para terraplenagem.





SOBRIEDADE, TAMBÉM



O PRIMEIRO
JORNAL
PARANAENSE
FUNDADO EM 1889



Um bom jornal precisa ter manchetes
de dois metros de altura?
Muitos acham que sim.
Nos, não.
O ESTADO DO PARANÁ preocupa-se mais
em dar a informação precisa, completa
do que "manchetear".
Achamos que a boa imprensa não é feita
só de tinta e papel.
De sobriedade, também.

O ESTADO DO PARANÁ

DA ARTE DE VIAJAR DE ÔNIBUS

Estamos viajando de ônibus, um amigo e eu. O amigo é desses tipos que bronqueiam com tudo. Já saiu bravo, porque o motorista atrasou cinco minutos na partida. Vamos num carro-leito, bacana, limpo, com sanitário a bordo, serviço de bar e outras fofocas que agradam. Mas o rapaz continuava de mau-humor:

— Veja só: servem refrigerante em garrafa grande e depois ela não cabe aqui no porta-garrafa. Vou ficar com isso na mão?

— É que o buraco aí foi feito para mini garrafas.

— Errado!

Então ele resolve dormir. Deita a poltrona e prepara o lugar de acomodar as suas longas pernas magras. Reclama:

— Leito coisa nenhuma! Cobram o dôbro do carro comum e no entanto aqui não dá para dormir. A gente fica inclinado, quando a posição de dormir é horizontal, por causa da circulação do sangue. Assim não dá! E aquele sujeito lá na frente... por que não apaga a luzinha?

— Está lendo. É um direito que ele tem. Para isso existe a lâmpada individual.

— Aqui não é biblioteca. Não sei dormir com luz acesa por perto. Aquieta-se por alguns instantes e volta a protestar:

— Alguém tirou os sapatos dentro do ônibus. Esse cheiro de chulé está insuportável. Abra aí o vidro para entrar vento.

Daí a pouco, começou a esfriar. O amigo mandou fechar a janela. Mas bronqueou:

— Está vindo um ventinho chato não sei de onde. É aquele cara ali. Por que ele não fecha o vidro? Tem vocação para pinguim?

Vamos agora por um trecho onde o asfalto é ruim. Mais bronca:

— Dêsse jeito não dá! O ônibus chacoalha demais. Não consigo dormir.

— Tem disso. Não estamos num hotel, estamos rodando. A estrada tem buracos. A gente precisa ter paciência.

— Então não digam que é carro-leito. De outra vez, virei de automóvel.

— Pior. Se der um defeito ou furar um pneu, você terá muitos aborrecimentos. No ônibus, qualquer coisa que aconteça, é problema do motorista.

— Você é a paciência em carne e osso! Então irei de trem.

— O que também tem problemas. Trem demora a chegar, a cabine é apertada, o restaurante não presta...

— Nesse caso não viajo nunca mais!

Plantou a cabeça no travesseiro. Pensei que desta vez fôsse, pelo menos, deixar que eu dormisse. Que nada!

— E agora, por que o ônibus parou?

— Para abastecer. Sem combustível, ele não anda, entende? Procure dormir, vamos!

Antes, ele decidiu ir ao sanitário. Voltou de lá queimado:

— Apertado, muito balanço, não pude nem lavar o rosto, porque bati com a canela na "patente". Nunca mais!

E assim, bronca atrás de bronca, viajamos durante doze horas. No final do percurso, o motorista reduz a velocidade e seu colega vem de poltrona em poltrona servindo cafêzinho. Concordei que a bebida não era nenhum tipo exportação. Mas o meu amigo exagerou:

— Isso é detefon com cheiro de garrafa térmica!

Por azar, quando o rapaz lhe servia, o carro deu um balanço e caiu café em sua roupa. Tentei explicar que não estávamos num avião nem contávamos com a suavidade de uma aero-môça. Era apenas um motorista que, enquanto o outro pilotava, fazia o papel de garçon, muito sem-jeito, procurando realizar o trabalho da melhor maneira possível.

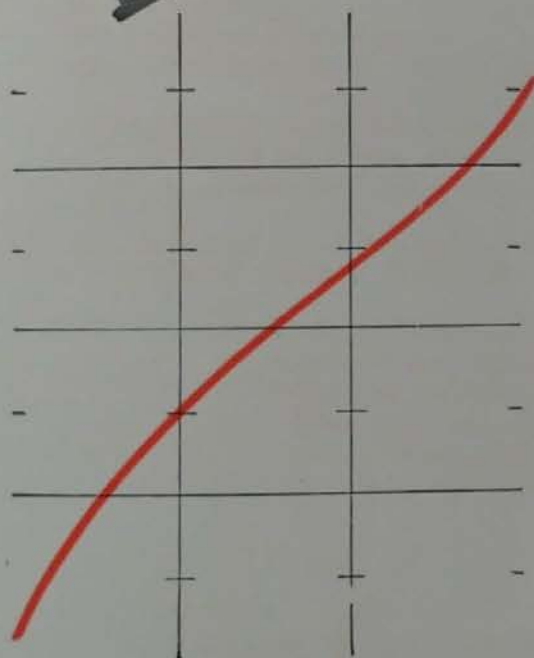
— Então piorou mais!

Felizmente, a viagem terminou. Desembarcamos, ele tomou seu destino e eu fui procurar uma cama e dormir o dia inteiro, a fim de recuperar-me da noite perdida com aquele sujeito horrível, que não compreende nada, nem mesmo sabe entender que leito de ônibus não é remédio contra insônia...

COMPROVADA **RESISTÊNCIA**



DO CIMENTO **MARINGÁ**



Ensaio de resistência a compressão efetuados diariamente com o Cimento Portland MARINGÁ, apresentaram a seguinte média:

3 DIAS - 150 Kg/cm²

7 DIAS - 230 Kg/cm²

28 DIAS - 350 Kg/cm²

Início de pega - 2 horas e 30 min.

COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND

ESCRITÓRIO CENTRAL E VENDAS
RUA SÃO BENTO, 329 - 9.º
FONE: 33-3484
SÃO PAULO

FABRICA
ITAPEVA
FONE: 3
SÃO PAULO



**2ª exposição-feira
governador paulo pimentel - nacional**

**4ª exposição-feira de animais e
produtos derivados em curitiba**

**16 a 24 | março | 1968
parque castelo branco**

**governo
do parana
secretaria
da agricultura**